



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA CRISTINA SOARES DE SOUZA

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO AMBIENTE HOSPITALAR:
um estudo de caso no HULW**

JOÃO PESSOA

2017

ANA CRISTINA SOARES DE SOUZA

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO AMBIENTE HOSPITALAR:
um estudo de caso no HULW**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia, da
Universidade Federal da Paraíba, em
cumprimento às exigências para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Janine Marta
Coelho Rodrigues

JOÃO PESSOA

2017

S729p Souza, Ana Cristina Soares de.

A prática pedagógica no ambiente hospitalar: um estudo de caso no HULW / Ana Cristina Soares de Souza. – João Pessoa: UFPB, 2017.

68f. : il.

Orientadora: Janine Marta Coelho Rodrigues
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Pacientes internos. 2. Pedagogia hospitalar. 3. Prática pedagógica. I. Título.

UFPB/CE/BS

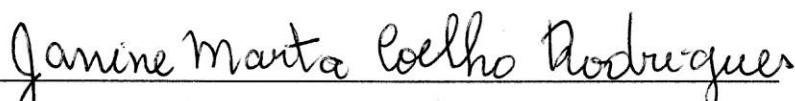
CDU: 37+614.21(043.2)

ANA CRISTINA SOARES DE SOUZA

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO AMBIENTE HOSPITALAR:
um estudo de caso no HULW**

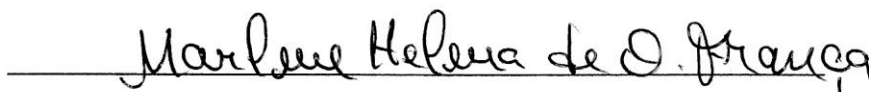
APROVADO EM: 08/06/2017

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues - UFPB

(Orientadora)



Profa. Dra. Marlene Helena de Oliveira França

(Examinadora)

Prof. Drº Roberto Derivaldo Anselmo

(Examinador)

JOÃO PESSOA

2017

Dedico esse trabalho a minha família, amigos, professores, todas as crianças atendidas pelo projeto classe hospitalar e, principalmente, a Deus.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à Deus por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, socorro presente nas horas das angústias, pela força e coragem durante toda esta longa empreitada acadêmica.

À minha família, por sua capacidade de acreditar e investir em meus estudos, pelos cuidados, dedicação, segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada. Em especial a minha querida Mãe que além de me dá a vida lutou sempre pela minha felicidade e conquistas.

Á meu esposo Emmanuel que é um verdadeiro presente de Deus, sempre me deu forças quando tudo parecia difícil e sempre acreditou na minha capacidade

À orientadora, professora Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues, que com muita paciência e atenção, dedicou do seu tempo para me orientar neste trabalho, além disso tanto tem me inspirado para que eu me torne uma profissional melhor a cada dia. Professora Janine, seus ensinamentos têm ultrapassado os limites do profissional. Ao longo do curso e desses mais de três anos de convivência aprendi a ser mais que uma educadora, e a senhora é uma das grandes responsáveis por isso. Não tenho palavras para descrever o tamanho do meu carinho e da minha gratidão.

Á Marcia Regina amiga e Vice- coordenadora do Projeto por toda a competência, ética e compreensão, pois, durante este processo de formação, nutriram cautelosamente meus primeiros passos rumo à minha futura atuação

Aos nossos professores do curso de Pedagogia que contribuíram muito para o processo da nossa formação.

Aos meus amigos, colegas do curso, e do núcleo de estudo que nesse período se fizeram presente em minha vida, uns com mais intensidade, outros nem tanto, mas que de qualquer forma contribuíram cada um com sua parcela para minha formação, enquanto conhecimento e valorização pessoal e profissional.

A gradeço ainda a minha amiga Thaline, pois pode encontrar nela uma verdadeira irmã e ter cada vez mais convicção da bondade de Deus, pois ter você como dupla durante esses anos foi incrível! Obrigada por todo carinho, paciência e pelos momentos em que tanto aprendemos juntas.

Muito obrigada a todos vocês!

"O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos."

(Rubens Alves)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a prática pedagógica dos educadores no ambiente hospitalar, evidenciando sua relevância no desenvolvimento dessa atividade, pois a Pedagogia Hospitalar vem passando por várias mudanças, por isso foi necessário observar se essa prática está coerente com os documentos que rege a Educação Básica, por meio do referencial teórico dos autores Esteves (2008), Matos e Muggiati (2010), Gonzáles (2007), Ortiz e Freitas (2005) e Rodrigues (2012) entre outros. Do ponto de vista metodológico, tratou-se de um Estudo de Caso, de cunho qualitativo, que teve como instrumentos a observação e o questionário semiestruturado, cujos sujeitos de pesquisa foram dois alunos/pacientes sendo uma criança e um adolescente, dois familiares acompanhante da criança ou do adolescente, uma docente que faz os atendimentos pedagógicos hospitalares e um profissional da equipe médica do HULW. A observação realizada permitiu conhecer atos, a dinâmica espontânea dos indivíduos, suas práticas e seu cotidiano. Possibilitou aprofundar a compreensão do fenômeno. As análises dos dados coletados foram fundamentais para concluir a pesquisa sobre a prática pedagógica hospitalar, pois a Pedagogia Hospitalar representa um desafio ao pedagogo para lecionar aos pacientes internados em hospitais. A Pedagogia Hospitalar é um novo campo de atuação no ambiente hospitalar e uma nova práxis educativa, objetivando um atendimento educacional que proporcione a continuidade da escolarização, por meio de atividades mais descontraídas e lúdicas, permitindo que o aluno esqueça um pouco de todos os traumas sofridos durante o período de hospitalização e consiga dar continuidade ao processo de escolarização.

Palavras-chave: Pacientes Internos. Pedagogia Hospitalar. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the pedagogical practice of educators in the hospital environment, evidencing their relevance in the development of this activity, since Hospital Pedagogy has been undergoing several changes, so it was necessary to observe if this practice is consistent with the documents that govern Basic Education, through the theoretical reference of the authors Esteves (2008), Matos and Muggiati (2010), Gonzáles (2007), Ortiz and Freitas (2005) and Rodrigues (2012) among others. From a methodological point of view, this was a qualitative case study, which had as its instrument the observation and the semi-structured questionnaire, whose subjects were two students / patients being one child and one adolescent, two family members accompanying the Child or adolescent, a teacher who provides hospital educational services and a professional of the HULW medical team. The observation made it possible to know the acts, the spontaneous dynamics of individuals, their practices and their daily life. It enabled to deepen the understanding of the phenomenon. The analysis of the collected data was fundamental to conclude the research on the hospital teaching practice, since the Hospital Pedagogy represents a challenge to the pedagogue to teach to hospital patients. Hospital Pedagogy is a new field of action in the hospital environment and a new educational praxis, aiming an educational service that provides continuity of schooling, through more relaxed and playful activities, allowing the student to forget a little of all the traumas suffered During the hospitalization period and can continue the process of schooling.

Keywords: Internal Patients. Hospital Pedagogy. Pedagogical Practice.

LISTA DE SIGLAS

APACHE – Associação para a Melhoria das Condições de Hospitalização das Crianças

CNE – Conselho Nacional de Educação

CNEFEI – Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptadas

EACH – *European Association for Children in Hospital*

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

ECAH – Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado

HULW – Hospital Universitário Lauro Wanderley

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

UF – Unidades Federativas

UFPB – Universidade federal da Paraíba

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Prática pedagógica hospitalar com jogos e brincadeiras	23
FIGURA 2: Equipe de pedagogas	39
FIGURA 3: Atendimento Pedagógico no leito de internação	41
FIGURA 4: Mães/acompanhantes participando do atendimento pedagógico	45
FIGURA 5: Brinquedoteca	46
FIGURA 6: Prática Pedagógica Hospitalar no computador	49
FIGURA 7: Prática Pedagógica Hospitalar	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	PEDAGOGIA HOSPITALAR: aspectos históricos, conceitos e definições	13
2.1	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO AMBIENTE HOSPITALAR	20
3	PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL: aspectos históricos	27
3.1	PEDAGOGIA HOSPITALAR NA PARAÍBA	28
4	ATENDIMENTO PEDAGÓGICO HOSPITALAR: aspectos legais	30
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
5.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	33
5.2	CAMPO DE PESQUISA	33
5.3	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E AMOSTRA PESQUISADA	34
6	ANÁLISES DE DADOS	36
6.1	ENTREVISTA COM A PROFISISONAL DOCENTE DO HULW	36
6.2	ENTREVISTA COM AS MÃES/ACOMPANHANTES	43
6.3	ENTREVISTA REALZADA COM OS ALUNOS PACIENTE	47
6.4	ENTREVISTA COM O PROFISSIONAL DA EQUIPE MÈDICA DO HULW	50
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55
	APÊNDICES	58

1 INTRODUÇÃO

As sequelas da alimentação desequilibrada, os sintomas de poluição e sedentarismo, aliado a maus hábitos favorecem o adoecimento da população, principalmente a população mais vulnerável e com baixa imunidade. Dentre a população vulnerável a doenças, encontra-se as crianças, por sua vez esse estudo privilegia as crianças e adolescentes que são acometidos por doenças que exigem tratamento à base de internações de médio e longo prazos. Em virtude da faixa etária escolar, necessitam de acompanhamento pedagógico no hospital para não ser prejudicado nos estudos.

Assim, essa pesquisa surge da inquietação para responder ao seguinte questionamento: Como as crianças e adolescentes internados no hospital estão concluindo os ciclos da educação básica - Infantil e Médio? Como uma forma de responder a esse questionamento, elegemos o seguinte o objetivo geral: Compreender que vantagens e benefícios a prática pedagógica pode trazer para as crianças e adolescentes hospitalizados. E visando dá conta desse objetivo geral elencamos os seguintes objetivos específicos: Conhecer a história da pedagogia hospitalar; Descrever a importância do pedagogo no contexto hospitalar; Identificar as habilidades e competências necessárias para atuação do pedagogo hospitalar; Identificar os desafios enfrentados pelo pedagogo hospitalar.

O interesse por esse tema surgiu da prática vivenciada no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW) e das observações vivenciadas ao longo do curso de Pedagogia, pois percebemos que a prática é a ação além dos limites físicos da sala de aula, e o modo inclusivo do educador, porque é lá que são organizados e planejados os conteúdos que são trabalhados com as crianças.

A importância dessa pesquisa se dá em virtude de analisar como são desenvolvidas as práticas pedagógicas dos educadores no hospital. Dessa maneira, os resultados obtidos podem contribuir à reflexão acadêmica acerca da relevância das práticas pedagógicas hospitalares, em prol da educação inclusiva dos pacientes internados por meio do processo de ensino.

Esse Estudo de Caso, de natureza qualitativa, foi realizada nas dependências do hospital HULW, cujos sujeitos investigados foram dois alunos/pacientes sendo uma criança e um adolescente, dois familiares acompanhantes da criança e do

adolescente, uma docente que faz os atendimentos pedagógicos hospitalares e um profissional da equipe médica do hospital.

Os instrumentos utilizados para a obtenção dos dados foram: observação e questionários. A proposta dos questionários foi que relatassem as suas principais percepções acerca do entendimento sobre a educação básica e suas práticas pedagógicas no contexto hospitalar. A observação realizada permitiu conhecer atos, a dinâmica espontânea dos indivíduos, suas práticas e seu cotidiano. Possibilitou aprofundar a compreensão do fenômeno investigado. Os dados coletados na observação foram registrados em Diários de Campo.

Para uma melhor visualização do leitor, esse trabalho divide-se em sete capítulos, além das referências, apêndice e anexo. No primeiro capítulo foram abordados os aspectos introdutórios do estudo. No segundo capítulo, abordou-se a Pedagogia Hospitalar, evidenciando seus aspectos históricos, conceitos e definições; e as práticas pedagógicas no ambiente hospitalar. No terceiro capítulo aborda-se a Pedagogia Hospitalar no Brasil e na Paraíba.

No quarto capítulo apresenta-se os aspectos legais do atendimento pedagógico hospitalar. O quinto capítulo esclarece sobre os procedimentos metodológicos da execução da pesquisa. O sexto capítulo trata da análise dos dados coletados nesse estudo. O sétimo capítulo, por sua vez, privilegia as considerações finais do estudo. E, por fim, apresenta-se as referências e os apêndices utilizados para a construção desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Vale ressaltar que a pesquisa possibilita conhecer um pouco dos aspectos históricos da Pedagogia Hospitalar, tanto em âmbito internacional quanto nacional, além de compreender como são realizadas as práticas pedagogias hospitalares, principalmente na ala pediátrica do HULW, e qual a verdadeira importância dela para vida e auxílio da recuperação das crianças/adolescentes hospitalizadas.

2 PEDAGOGIA HOSPITALAR: aspectos históricos, conceitos e definições

Antes de começar a discussão e conceituação acerca da Pedagogia Hospitalar, faz-se necessário compreender a etimologia¹ do termo Pedagogia, segundo o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, é a “teoria e ciência da educação e do ensino” (FERREIRA, 2000, p. 522). Segundo Saviani (2007), desde do período da Grécia antiga existia vestígios conceituais de Pedagogia.

A pedagogia desenvolveu-se por um lado ligada à filosofia, elaborada em função da ética que guia a atividade educativa, no sentido empírico a pedagogia é entendida como formação para a vida, reforçando o aspecto metodológico presente na etimologia da pedagogia como meio, caminho para a condução da criança [...]a pedagogia se desenvolveu em íntima relação com a prática educativa, constituindo-se como a teoria ou ciência dessa prática sendo, em determinados contextos, identificada com o próprio modo intencional de realizar a educação (SAVIANI, 2007, p. 100).

A história da educação no contexto atual enfrenta desafios inerentes às necessidades sociais. Pode-se afirmar que o campo da Pedagogia vem sofrendo relevantes evoluções, bem como fomentando diversas perspectivas e nuances, enquanto ciência norteadora. Deste modo, no que tange à amplitude e às possibilidades da atuação do pedagogo, novos processos educativos se configuram neste cenário educacional, a exemplo o espaço pedagógico que vem sendo construído denominado Pedagogia Hospitalar, que requer novos paradigmas, no que se refere ao papel do pedagogo e à educação inclusiva – para além da educação escolar formal e tradicional.

Os primórdios da Pedagogia Hospitalar ocorreram nas primeiras décadas do século XX, inicialmente na Europa, em virtude do surgimento de estudos e a realização de algumas atividades educativas nos ambientes hospitalares, os quais podem ser considerados, em virtude do que, atualmente, concebe-se como Classe Hospitalar. Foi na França, em 1929, que a primeira classe escolar no contexto hospitalar foi implementada, por Marie Louise Imbert – professora de Filosofia e fundadora da primeira associação em defesa da escolarização de crianças e adolescentes doentes.

¹ Etimologia representa o estudo acerca da origem e da evolução das palavras, ou seja, uma disciplina que privilegia a descrição de uma palavra em diferentes estados de língua anteriores, até remontar ao étimo.

Sob a perspectiva de Esteves (2008), a classe hospitalar teve, de fato, seus primeiros sinais no ano de 1935, em Paris, quando Henri Sellier inaugura a primeira escola, a fim de realizar o atendimento junto a crianças inadaptadas. “Seu exemplo foi seguido na Alemanha, e em toda França, na Europa e nos Estados Unidos, com o objetivo de suprir as dificuldades escolares de crianças tuberculosas” (ESTEVES, 2008, p. 2).

A partir da iniciativa Henri Sellier, no ano de 1935, com intuito de minimizar os prejuízos e as dificuldades de aprendizagem, inaugurou a primeira escola para crianças inadaptadas, nos arredores de Paris. E, desta maneira, as classes hospitalares começaram a se expandir para outros países.

Nessa perspectiva expansiva, pode-se considerar a implantação de classes escolares no ambiente hospitalar, instauradas durante a Segunda Guerra Mundial, como sendo o maior marco histórico e decisório para a popularização dessa prática pedagógica. Ora, em decorrência da guerra, muitas crianças e adolescentes foram atingidas ou afetadas e, com isso, ficaram impossibilitadas de irem à escola.

Nesta lógica, segundo Matos e Muggiati (2010, p. 234), “O grande número de crianças e adolescentes atingidos, e mutilados e impossibilitados de ir à escola, fez criar um engajamento dos médicos, que hoje são defensores da escola em seus serviços.” Diante do exposto, no ano 1939, a partir de todo este contexto escolar, em um ambiente hospitalar foi criado o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptadas (CNEFEI), objetivando a formação de professores para o trabalho em institutos especiais e em hospitais na região metropolitana de Paris, mais precisamente em Suresnes. Até o início de 2017, formaram-se mais de mil professores para as classes hospitalares, cerca de 30 professores a cada turma.

O CNEFEI tem como missão até hoje mostrar que a escola não é um espaço fechado. O centro promove estágios em regime de internato dirigido a professores e diretores de escolas; os médicos de saúde escolar e a assistentes sociais. A Formação de Professores para atendimento escolar hospitalar no CNEFEI tem duração de dois anos. [...] Hoje todos hospitais públicos na França tem no seu quadro 4 professores: dois de ensino fundamental e dois de ensino médio. Cada dupla trabalha em expedientes diferentes de segunda a sexta. (VASCONCELOS, 2006, p. 2)

Respeitando este percurso histórico, na década de 1940 foi criada a associação Animation, Loisirs à L Hôpital (Animação, Lazer no Hospital). De acordo

com Paula (2010), nos anos 1980 foi fundada a Associação para a Melhoria das Condições de Hospitalização das Crianças (APACHE), vinculada à *European Association for Children in Hospital* (EACH) – Associação Europeia para Crianças em Hospital, que reúne várias entidades no país, em defesa dos direitos das crianças e adolescentes internados.

A APACHE possui um recurso humano com mais de três mil professores, dentre eles profissionais da Educação Nacional, voluntários e, inclusive, professores aposentados, cujo objetivo institucional é disponibilizar, às crianças e aos adolescentes hospitalizados, um atendimento pedagógico durante a internação e também o período de alta, ou melhor, antes da volta ao convívio escolar.

Na Espanha, segundo Gonzáles (2007), a preocupação com o atendimento pedagógico hospitalar é relativamente recente, por meio da Lei n. 13, de sete abril 1982, que estabeleceu as bases, atualmente, denominadas de classes hospitalares. No seu Art. 29 dispõe que:

Todos os hospitais tanto infantis quanto de reabilitação, e também aqueles que tiveram serviços pediátricos permanentes, da administração do Estado, dos órgãos Autônomos dela dependentes, da segurança social, das comunidades autônomas e das corporações locais, assim como os hospitais particulares que regularmente ocupem, no mínimo, a metade de suas camas com doentes cuja instância e atendimento médico dependam de recursos públicos, terão que contar com uma seção pedagógica para prevenir e evitar a marginalização do processo educacional dos alunos em idade escolar internados nesses hospitais (GONZÁLES, 2007, p. 345).

Além disso, posterior a esta Lei, por meio do Decreto n. 334, de seis de março de 1985, sobre ordenamento e planejamento da educação especial, em sua disposição adicional segunda, afirma que:

As administrações educacionais poderão entrar em acordo com as instituições de saúde públicas, tanto infantis como de reabilitação, e também com aqueles que tenham serviços pediátricos permanentes, para o estabelecimento das dotações pedagógicas necessárias para prevenir e evitar a marginalização do processo educacional das crianças em idade escolar que estão internadas nelas. (GONZÁLES, 2007, p. 345)

Ainda sob este recorte de uma perspectiva histórica, o documento da *Carta da Criança Hospitalizada de Portugal*, de 2000, inspirada nos princípios da *Carta*

Europeia da Criança Hospitalizada, aprovada pelo Parlamento Europeu, em 1986, demonstrava as preocupações com projetos de humanização nos hospitais e, bem como, com o bem-estar da criança hospitalizada e os seus respectivos aspectos educativos.

O princípio sete da Carta de Portugal propõe que o “[...] hospital deve oferecer às crianças um ambiente que corresponda às suas necessidades físicas, afetivas e educativas, quer no aspecto do equipamento, quer no de pessoal e da segurança.” (MOTA, 2000, p. 60). Diante do exposto, torna-se pertinente afirmar que, a trajetória da Pedagogia Hospitalar passou por grandes mudanças. Nota-se, por meio do percurso histórico apresentado, uma preocupação por parte dos países citados, na busca por garantir o direito de aprender das crianças e dos adolescentes hospitalizadas.

Observa-se que, ao passar do tempo, houve a necessidade de um olhar mais humanizado, mediante as reflexões aludidas acerca dos atendimentos hospitalares para tal público (das clínicas pediátricas). Além disso, vale ressaltar que, entre estas mudanças, o período de internação e os horários de visitas foram estabelecidos, em razão de melhor acompanhamento por buscar possibilitar e minimizar traumas e sofrimentos vividos pelas crianças e adolescentes, durante este período.

Segundo Libânio (1998, p. 29), a "Pedagogia pode postular o educativo propriamente dito e ser ciência integradora dos aportes das demais áreas. Isso significa que, embora ela não ocupe lugar hierarquicamente superior às outras ciências da educação, tem um lugar diferenciado", e , inclusive, "é uma ciência independente que se preocupa em estudar as teorias da prática educativa concreta" (*Idem*, p. 23).

A Pedagogia objetiva perceber como funcionam as práticas pedagógicas. Logo, o pedagogo precisa ser capaz de atuar em várias instâncias das práticas educativas, ou seja, na educação informal, não-formal e formal, sempre buscando conciliar a teoria com a prática. Segundo Libâneo (1998, p. 42-44), "o campo de ação do profissional formado em Pedagogia é tão amplo quanto são as práticas educativas na sociedade e em todo lugar no qual existir uma prática educativa com caráter de intencionalidade, existe a Pedagogia".

A partir dos estudos realizados sobre as definições de Libâneo (1998), pode-se entender que educação não se restringe somente aos espaços escolares, ela

está muito além dos limites dos muros da escola. A educação está em todos os lugares, seja para ensinar, aprender ou para aprender-e-ensinar.

Corroborando com essa argumentação teórica, Rodrigues (2012, p. 32), afirma que:

A pedagogia é aquela parte do saber que está ligada à razão que não se resume à razão instrumental apenas, mas inclui a razão enquanto razoabilidade; racionalidade que nos possibilita o convívio, ou seja, a vigência da tolerância e, mesmo, do amor.

E, justamente pensando numa forma de educação diferenciada, que pudesse atender um público fora do ambiente escolar, começou-se a discutir sobre a Pedagogia Hospitalar.

A Pedagogia Hospitalar é um novo campo de atuação para o pedagogo, no qual pode atuar tanto no ambiente hospitalar quanto nos domicílios, cuja finalidade é proporcionar um atendimento pedagógico eficaz, além de restaurar suas interações sociais ao dar continuidade nos estudos das crianças e adolescentes que se encontram afastadas da escola por estarem enfermas durante muito tempo.

A Pedagogia Hospitalar também é conhecida como classe hospitalar, possibilita aos pedagogos e educadores novos desafios e novas possibilidades no desenvolvimento e construção da sua identidade profissional. Segundo Matos e Mugiatti (2012, p. 79), compreende-se que:

A Pedagogia Hospitalar, é aquele ramo da Pedagogia, cujo objeto de estudo, investigação e dedicação é a situação do estudante hospitalizado, a fim de que continue progredindo na aprendizagem cultural, formativa e, muito especialmente, quanto ao modo de enfrentar a sua enfermidade, com vistas ao autocuidado e à prevenção de outras possíveis alterações na sua saúde.

A Pedagogia Hospitalar deve buscar ocasionar uma condição de vida melhor para as crianças e adolescentes hospitalizados. É importante ressaltar que as classes hospitalares não podiam ser vistas como salas de aula comum, mas devem ser um espaço aconchegante, alegre e colorido - um ambiente capaz de fazer a criança e o adolescente esquecer de todos os traumas e sofrimentos vivenciados durante o período de internação. Segundo Matos e Mugiatti (2012, p. 29):

A Pedagogia Hospitalar aponta, ainda, mais um recurso contributivo a cura. Favorece a associação do resgate, de forma multi/inter/transdisciplinar, da condição inata do organismo, de saúde e bem está, ao regaste da humanização e da cidadania.

Em virtude do paciente está internado num hospital a sua vida social, escolar e cultural fica sem continuar existindo. Além da situação de debilidade física, esse isolamento pode contribuir para desestimular o paciente. Nessa perspectiva, a Pedagogia Hospitalar exerce uma função que vai além do contexto educacional, pois resgata a sensação de não está parado no tempo.

Para as autoras Ortiz e Freitas (2005), os profissionais que atuam nessa área passam por grandes desafios, um deles é desmitificar que o hospital é um lugar terrível apenas de dor e sofrimento, para elas o campo de atuação precisar ser um espaço que acima de tudo cause inspiração de vida.

A rotina laboral do pedagogo hospitalar exige que tenha desenvoltura e improviso para atender adequadamente a demanda dos pacientes internados, pois o hospital representa um ambiente que, a princípio, não favorece o processo de ensino-aprendizagem. Mas, com a prática e a sensibilidade para realizar um atendimento educacional individualizado, as barreiras são superadas e consegue-se realizar um bom trabalho pedagógico.

É preciso, pois ressignificar a concepção do hospital, como apenas um cenário asséptico, para vislumbrar um espaço onde a vida acontece, onde é aceito tudo o que faz parte da vida. A passagem da criança neste espaço permitirá o surgimento de outra: mais autônoma, aparelhada para a elaboração de relação consigo mesma, experienciando diferentes formas de afeto com os outros e com o mundo que a cerca (ORTIZ; FREITAS, 2005, p. 34).

No intuito de favorecer a situação escolar das crianças e adolescentes durante o tempo de internação, implantaram-se as classes hospitalares e as respectivas ações de pedagogia dentro das pediatrias e enfermarias, essas ações estão ligadas ao:

[...] estímulo e continuidade dos seus estudos a fim de que não percam seu curso e não se convertam em repetentes, ou venham a interromper o ritmo de aprendizagem, assim, dificultando, conseqüentemente, a recuperação de sua saúde (MATOS; MUGIATTI, 2012, p.68).

Diante disto, percebe-se como a continuidade dos estudos para esses educandos é essencial, principalmente, na construção da sua identidade e da sua visão crítica sobre a sociedade e para evitar a evasão escolar que é o que mais acontece nos dias de hoje, por que ao passar muito tempo hospitalizados, essas crianças adolescentes, sentem-se incapazes de acompanhar os conteúdos e as atividades e como consequência disso eles são excluídos e acham que não fazem mais parte daquela turma ou daquele grupo da escola, ocasionado assim, a evasão escolar. Segundo Rodrigues (2012, p. 42)

A pedagogia hospitalar é um ramo da educação que proporciona à criança e ao adolescente hospitalizado uma recuperação mais aliviada, por meio de atividades lúdicas, pedagógicas e recreativas. Além disso, previne o fracasso escolar, que nesses casos, é gerado pelo afastamento da sala de aula onde ordinariamente estuda.

Ora, o paciente/educando pode ser prejudicado na vida escolar em virtude de seu tratamento de saúde, pois ele precisa dar continuidade a sua vida sociocultural, para contribuir positivamente com a sua recuperação e não ficar atrasado nos estudos em relação à sua faixa etária.

Ora, o educando ao receber o atendimento pedagógico hospitalar, realizado de acordo com a sua necessidade específica e um trabalho educacional desenvolvido em conjunto com a equipe da unidade hospitalar, favorece o resgate da confiança e segurança das crianças e adolescentes internados, em virtude de retornarem ao contexto escolar, fazendo com que eles não enfrentem tantas dificuldades para acompanhar os andamentos dos conteúdos propostos na sala de aula, pois mesmo internos o desenvolvimento do ensino e aprendizagem foram mantidos.

O profissional que atende os alunos hospitalizados precisa de ter um olhar humanizado e possuir modos diferentes de ministrar sua aula. Torna-se relevante que atue a partir de projetos e atividades diferenciadas. De acordo com Rodrigues (2008, p. 43) "a educação deve olhar a criança como um todo, conhecendo o seu

contexto e não apenas como educando, pois o meio onde a criança está inserida pode influenciar o seu processo de aprendizagem”.

O pedagogo que opta por trabalhar na área da Pedagogia Hospitalar precisa estar apto a vivenciar novos desafios, especialmente em relação à construção de novos saberes; pois devem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem das crianças e adolescentes com necessidades especiais, pois a enfermidade no seu período de internação se torna um obstáculo à prática pedagógica. De acordo com Matos e Mugiatti (2012, p. 116):

Tal condição requer um fazer e um agir que não devem estar vinculados a processos estanques, deixando o educador livre para desenvolver e criticar a sua ação pedagógica, a fim de fazê-la reflexiva e transformadora da realidade que envolve o escolar atendido em contexto hospitalar.

É importante o pedagogo ter um olhar sensível, uma certa habilidade e flexibilidade para adequar-se às atividades a partir da necessidade do aluno, para assim, contribuir com a eficácia e a qualidade do processo de ensino-aprendizagem das crianças e adolescentes em atendimento e assistência hospitalar.

2.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO AMBIENTE HOSPITALAR

A ação pedagógica dentro do ambiente hospitalar deve estar alinhada aos seguintes questionamentos: como é possível haver uma ação pedagógica dentro de um hospital? e de que maneira isso vai ajudar uma criança ou adolescente enfermo, visto que o ambiente em que ela se encontra é um espaço onde a dor e o sofrimento é algo constante?

Nessa perspectiva, perceber-se como é importante o trabalho em conjunto da educação e saúde, cujos benefícios podem ocasionar na vida de uma criança e de um adolescente hospitalizado. Segundo Matos e Mugiatti (2012, p. 72):

Observa-se que a continuidade dos estudos, paralelamente ao internamento, traz vigor às forças vitais da criança ou (do adolescente) hospitalizada, como estímulo motivacional, introduzindo-os, a se tornarem mais participante e produtivo, com vistas e uma efetiva recuperação.

Ora, algumas ações contribuem para a eficácia do processo de ensino-aprendizagem dos alunos enfermos, em virtude de a continuidade ao aprendizado no período de internação ser um direito garantido por lei. No primeiro contado com o pedagogo hospitalar, mesmo que ainda não haja confiança nem uma afinidade, o aluno conhecerá um pedagogo diferente do que ele tem vivenciado ao ambiente hospitalar.

A primeira ação que o pedagogo hospitalar deve ter, com a criança ou o adolescente hospitalizado, é fazer um estudo de caso sobre a situação da saúde do paciente. Isso pode ser realizado através do seu prontuário, de conversas com a equipe hospitalar e a anamnese². Para Matos e Mugiatti (2012, p. 73) "o conhecimento da realidade da criança/adolescente hospitalizado e as medidas preventivas que se façam necessárias são, portanto, pontos determinantes também, do ato pedagógico que vai se delinear a partir destes aspectos".

O pedagogo deve seguir visitando as enfermarias antes de iniciar os atendimentos, objetivando observar se existe alguma criança nova e investigar quanto tempo elas permaneceram internadas, afim de planejar atividades para elas. Em seguida, o pedagogo convida a criança para ter uma aula, ou ouvir uma história, pois é importante sempre respeitar a vontade da criança e do adolescente.

É necessário ressaltar que a prática educativa, antes de qualquer coisa, deve possibilitar a esses alunos momentos de descontração, bem-estar, interação, compartilhamento e conquista de novos conhecimentos. Isso tudo pode ser realizado com atividades lúdicas e variadas, fazendo com que assim, eles preencham o tempo, desliguem-se do mundo exterior e fiquem menos ansiosos pela alta médica. Para as autoras Matos e Mugiatti (2012, p. 73):

² Anamnese (do grego ana, trazer de novo e mnesis, memória) é uma entrevista realizada pelo profissional de saúde ao seu doente, que tem a intenção de ser um ponto inicial no diagnóstico de uma doença ou patologia. Em outras palavras, é uma entrevista que busca lembrar todos os fatos que se relacionam com a doença e à pessoa doente. A anamnese é também referenciada como Anamnese Corporal, Ficha de Anamnese ou Anamnese Corporal Completa. Uma anamnese, como qualquer outro tipo de entrevista, possui formas ou técnicas corretas de serem aplicadas. Ao seguir as técnicas pode-se aproveitar ao máximo o tempo disponível para o atendimento, o que produz um diagnóstico seguro e um tratamento correto (OLIVEIRA et al, 2014)

O hospital-escola constitui-se num espaço alternativo que vai além da escola e do hospital, haja vista que se propõe a um trabalho não somente de oferecer continuidade de instrução. Ele vai além, quando realiza a integração do escolar hospitalizado, prestando ajuda não só na escolaridade e na hospitalização, mas em todos os aspectos decorrentes do afastamento necessário do seu cotidiano e do processo, por vezes, traumático da internação. O conhecimento da realidade da criança/adolescente hospitalizado e as medidas preventivas que se façam necessárias são, portanto, pontos determinantes, também do ato pedagógico que vai se delinear a partir destes aspectos.

Os horários das aulas devem ser classificados e divididos de acordo com os atendimentos pedagógicos hospitalares, sendo constituído de forma diferente da classe regular. O professor tem que se dispor a está entre classe (o espaço onde é realizado o atendimento) e leito, esses atendimentos são realizados através de dois procedimentos de escolarização. E, na visão das autoras Matos e Mugiatti (2012, p. 37):

A Hospitalização Escolarizada que consiste no atendimento personalizado ao escolar doente, respeitando seu momento de doença e considerando a situação de escolaridade, como, também a sua procedência. [...] E a Classe Hospitalar conforme a nomenclatura, oferece atendimento conjunto de forma heterogenia, isto é, toma todas precauções acima citadas ,porém atende a diversos escolares em uma classe ou sala de aula no hospital, de forma entregadora, não atendendo cada escolar especificamente.

Nos casos de atendimentos realizados nos leitos, as aulas não podem ser longas em virtude do cansaço e das limitações do aluno enfermo, então as aulas devem variar de vinte a trinta minutos, dependendo do entusiasmo e da condição da criança e do adolescente. Essa aula pode ser realizada através de uma contação e interpretação de histórias, visto que esse ato pode estabilizar laços afetivos e de companheirismo entre os alunos ouvintes e os pedagogos ou contadores. Pois, nesse momento, a história vai estimular a imaginação desses alunos, fazendo com que eles saiam um pouco daquele momento de sofrimento dor e tristeza. Segundo Porto (2010, p. 63):

Os educadores têm a missão de ajudar seus alunos a definir seus pensamentos limitadores, a reconhecer e a comunicar seus medos e seus verdadeiros sentimentos e desejos, pois o educador também é um grande atuante na formação de sua personalidade.

O Objetivo do pedagogo hospitalar deve ser levar a literatura para o ambiente hospitalar, favorecer que a criança fique mais tranquila ou calma e, deve além de tudo, promover seu bem-estar - e a partir desses momentos ocasionar melhoras em sua saúde. Por outro lado, na classe hospitalar as aulas podem ser um pouco mais longas e desenvolvidas em aproximadamente duas horas. Porém não muito longas, para que as atividades não se tornem cansativas, visto que os alunos estão hospitalizados e não se encontram com sua saúde plena.

Essas atividades pedagógicas no contexto hospitalar, na maioria das vezes, são iniciadas de maneira lúdica para propiciar ao aluno interno um momento de descontração, por meio de atividades diversificadas e utilizando materiais diversos, tais como: vídeos, livros, jogos, brincadeiras livres, fantoches, pintura, artesanatos, teatro.

FIGURA 1: Prática pedagógica hospitalar com jogos e brincadeiras



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Percebe-se que a atuação pedagógica em um ambiente hospitalar vai contribuir para afastar o medo e as angústias, e também para que os alunos aceitem melhor a situação na qual se encontram. É importante destacar que, para haver o sucesso e eficácia nesse processo de atuação e desenvolvimento da aprendizagem e da saúde, é essencial que haja uma interação e uma colaboração entre os professores, alunos, pais-responsáveis e os profissionais que atuam no ambiente hospitalar.

Essa interação é importante para que não haja nenhum desconforto ou desrespeito à regra do hospital quando for realizado o planejamento das aulas. Segundo Rodrigues (2012, p. 60):

Importante é fazer com que o aluno não se sinta sozinho, pois todos nós sabemos que o ser humano não foi feito para viver isolado do mundo, e por isso, precisamos interagir com as outras pessoas. E são essas relações que fazem o ser humano crescer e desenvolver, e principalmente, no caso das crianças e dos adolescentes, o desenvolvimento de percepção, cognitivo, motor, comunicação e afetivo. Por isso, faz-se importante a presença não só dos pais e de outros familiares, mas também a do educador, sempre mostrando que todos estão ao seu lado.

O planejamento e as metodologias aplicados no ambiente hospitalar são os maiores desafios que o pedagogo hospitalar pode vivenciar, em virtude da alta rotatividade dos alunos. Por isso, o planejamento é feito para cada aluno diferentemente. Então, o pedagogo hospitalar deve possuir várias habilidades de ensino para poder lidar com essas especificidades, além de ter a percepção e a consciência de que o trabalho não pode ser contínuo, é necessário concluir o atendimento no mesmo dia por conta da rotatividade. Diante disso, Fonseca (2008, p. 46) infere que:

Para um efetivo atendimento pedagógico-educacional hospitalar, é importante estar ciente e exercitar a premissa de que cada dia de trabalho na classe se constrói com atividades que têm começo, meio e fim quando desenvolvidas.

O planejamento das aulas deve pautar-se no conhecimento prévio do paciente internado, adquirido desde do primeiro contato. A aula deve basear-se em algo que o aluno gosta ou que tenha algum significado para ele, devem ser atividades recreativas e escolares nas áreas das linguagens, matemáticas, história, geografia e ciências que promovam e facilitem o ajustamento sócio emocional. Além de gerar um relaxamento e o entusiasmo de querer construir algo, para que assim tenha o desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos seus alunos. De acordo com Fonseca (2008, p. 46):

O trabalho de escola hospitalar, ao mesmo tempo em que focado nos objetivos e vinculados aos conteúdos a desenvolver, deve ser adequado às necessidades e aos interesses dos alunos, provendo também, uma série de possíveis alternativas a fim de que, qualquer que seja o imprevisto que aconteça na sala de aula, tais momentos possam ser aproveitados como se fossem “deixas”, ousando-se a ir com os alunos por caminhos que, embora não estivessem planejados, possam provocar mudanças no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Ora, o pedagogo hospitalar tem que está muito bem preparado na hora da aplicação desses conteúdos, principalmente caso aconteça alguma eventualidade, pois ele deve contornar a situação sem que haja nenhum prejuízo no processo de ensino-aprendizagem dos alunos internos. Por outro lado, o grande desafio para essa ação do pedagogo é lidar com os familiares e acompanhantes dos alunos internos. Levando em consideração que a maioria deles estarão acompanhando o aluno no momento do atendimento, assim é importante que o pedagogo tenha um olhar sensível e humanizado na hora de realizar o planejamento.

O pedagogo pode solicitar aos acompanhantes que eles participem da atividade, fazendo com que assim, haja uma interação maior entre o aluno o acompanhante ou familiar e o pedagogo ou levar algo específico para eles. O intuito é também levar a eles um pouco de distração, bem-estar e esperança, visto que a maioria está lá há muito tempo, vivendo todos os traumas e sofrimentos juntamente de seus pacientes internos, além de também estarem longe do convívio familiar, trabalho e até de outros filhos mais novos.

Os conteúdos educacionais devem ser integrados de forma interdisciplinar, para que um assunto ou tema possa interligar o eixo e assunto sem perder o foco. Contudo, a avaliação não deve pautar-se em notas, mas sim de modo contínua e processual, cujos registros do desempenho do aluno são os relatórios. Conforme Fonseca (2008, p. 53):

Sabemos que a avaliação de qualquer trabalho, não se excluindo daí aquele desenvolvido nas escolas hospitalares, é um processo que está presente no transcorrer de toda e qualquer atividade desenvolvida, e não apenas ao seu final, como que apenas checando o que a criança foi capaz de reter, e que poderia ser erroneamente considerado como o real conhecimento por ela adquirido.

O objetivo da avaliação descritiva é mensurar as observações e os diagnósticos adquiridos na educação construtiva. Lembrando que, segundo Fonseca (2008), o paciente interno deve ser avaliado em virtude de sua evolução pedagógica, em virtude dele está interno e não precisar de uma avaliação classificatória, que prioriza uns e exclui outros, comumente recorrente nos espaços escolares formais, cuja avaliação é um recurso utilizado pelo professor como uma forma de punir, reprovar ou passar de ano, sem levar em conta as dificuldades e, inclusive, sem ao menos, tentar perceber ou refletir se aquele método avaliativo teve algum significado para o processo de ensino-aprendizagem do aluno. Segundo Luckesi (2002, p. 174):

a avaliação da aprendizagem na escola tem dois objetivos: auxiliar o educando no seu desenvolvimento pessoal, a partir do processo de ensino-aprendizagem, e responder á sociedade pela qualidade do trabalho educativo realizado.

A avaliação descritiva do pedagogo, no ambiente hospitalar, deve pautar-se numa ação pedagógica que produza uma aprendizagem significativa para o aluno; favorecer a reflexão da construção de conhecimento no qual ele está vivenciando no seu momento de internação e, como isso, contribuir para ampliar a sua leitura de realidade. Mas, o pedagogo deve procurar aprimorar e adaptar, constantemente, suas práticas educativas com determinada criança/adolescente, avaliando os prós e os contras de acordo com a demanda.

3 PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL: aspectos históricos

No cenário nacional, as primeiras experiências de ações pedagógicas em hospitais correram por volta do ano 1950, no Estado do Rio de Janeiro. O primeiro hospital a receber tal atendimento foi um hospital público infantil, o Hospital Municipal Jesus, em 14 de agosto de 1950, que teve como primeira professora Lecy Rittmeyer.

Segundo Santos e Souza (2009) esta data simbolizou um marco na história da Pedagogia Hospitalar no Brasil. Após oito anos, para concretizar ainda mais as práticas pedagógicas no território brasileiro, a professora Ester Lemes Zaborowski foi colocada no mesmo hospital para, também, desenvolver projetos pedagógicos com as crianças hospitalizadas.

Posteriormente, após a iniciativa do estado do Rio de Janeiro, outras Unidades Federativas (UF) também passaram a oferecer ações educativas em ambientes hospitalares, como por exemplo, o Hospital Barata Ribeiro (em funcionamento atualmente) que, em sua fundação, no ano de 1960, mesmo sem o apoio do Estado, contando, apenas, com o apoio da equipe de direção do hospital, começou a inserir no cotidiano da rotina das crianças e dos adolescentes hospitalizados atendimentos pedagógicos.

Também é importante salientar que, sob a legislação no Brasil, houve o reconhecimento da necessidade de um acompanhamento e auxílio pedagógico no âmbito hospitalar, através do Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado (ECAH), através da Resolução nº. 41, de outubro de 1995, no item 9 (nove), que diz que é direito da criança e do adolescente “ [...] desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”.

Ademais, sob esta mesma perspectiva de relação entre o ensino formal e o contexto hospitalar, pode-se citar a proposta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), (MEC, 1996), a qual preconiza que toda criança e adolescente hospitalizado, disponha das oportunidades possíveis, a fim de que os processos de desenvolvimento e aprendizagem não sejam suspensos. Sendo estes, documento de nuances, estratégias e de orientações para o atendimento nas classes hospitalares, favorecendo o acesso à educação básica.

Deste modo, desde já, haja vista a atuação do pedagogo na esfera nacional, é importante observar e conceber o(s) processo(s) educativo(s) inerentes ao ambiente hospitalar, com ênfase, sobretudo, na relação pedagogo/aluno-paciente e no aspecto de caráter pessoal destas crianças e adolescentes, no que tange sua adaptação, motivações e desenvolvimento integral.

Tendo em vista o exposto, vale salientar, portanto, a importância de compreender a diversidade atual no campo de atuação pedagógica no país, em virtude da garantia ao direito da continuidade dos estudos das crianças e dos adolescentes hospitalizados, mediante iniciativas, estratégias e atividades, as quais contemplem sua amplitude do conhecimento.

Nessa perspectiva, segundo Fonseca (2011, p. 81):

o primeiro mapeamento sobre as classes hospitalares no Brasil foi realizado no período entre julho de 1997 a fevereiro de 1998. Apenas quatro Estados Brasileiros não se obteve qualquer informação para esse atendimento.

A realização desse levantamento mencionado ocorreu graças aos profissionais e colaboradores que realizaram atendimentos pedagógicos hospitalares, em prol da legitimação e garantia do direito dessas crianças e adolescentes a continuarem estudando mesmo no ambiente hospitalar.

Segundo Fonseca (2015), a atualização realizada em maio de 2015 evidenciou o quantitativo de hospitais no Brasil: 143 classes hospitalares distribuídas por 19 estados e no Distrito Federal conforme a listagem apresentada: Região Norte – total 10 hospitais com escolas; Região Nordeste – total de 23 hospitais com escolas; Região Centro-Oeste – total 24 hospitais com escolas; Região Sudeste- total de 52 hospitais com escolas e Região Sul- total de 19 hospitais com escolas.

3.1 PEDAGOGIA HOSPITALAR NA PARAÍBA

Na Paraíba, os atendimentos pedagógicos hospitalares iniciaram-se no ano 2001, por meio da atuação do projeto de extensão de Atendimento Psicopedagógico e Pedagógico, intitulado de *A criança e ao Adolescente Hospitalizado: Trabalho Alternativo para o Pedagogo*. O projeto instalou-se no 3º andar, na Pediatria do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), na capital paraibana, a cidade de

João Pessoa. O HULW foi um dos pioneiros no Estado da Paraíba a fornecer esse tipo de atendimento no âmbito hospitalar, objetivando oferecer às crianças e aos adolescentes hospitalizados, a oportunidade de vivenciar atividades pedagógicas e psicopedagógicas, direcionadas ao resgate da escolarização.

Os atendimentos pedagógicos são realizados por alunos(as) bolsistas e voluntários dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas, sob a coordenação da Professora Doutora Janine Marta Coelho Rodrigues. As atividades são desenvolvidas na sala de recreação do hospital, que os alunos denominaram a “Escolinha do Hospital”. Os alunos que não podem se locomover são atendidos nos leitos e nas enfermarias. As atividades são lúdicas e interdisciplinares, apresentando ao aluno hospitalizado todas as áreas de ensino que fazem parte da Educação Básica, com os respectivos conteúdos – ensinados de forma criativa e recreativa para atrair as crianças e adolescentes.

Para organização dos atendimentos e do funcionamento do projeto são realizadas reuniões quinzenais de planejamento com a equipe pedagógica para planejar e avaliar as atividades aplicadas. Ao final de cada mês é realizado um relatório de todos os alunos atendidos, as atividades desenvolvidas e ao final de cada período é realizado o relatório final com todos os dados e, inclusive, números de contatos.

Em 16 anos, o projeto atendeu mais de 4043 internos, 1003 acompanhantes e trabalhou com 70 alunos voluntários. Durante sua existência este projeto já foi tema de 26 TCC, 11 monografias de cursos de especialização, tema de três dissertações de Mestrado/PPGE/CE/UFPB e é referência em duas dissertações de Mestrado/Enfermagem/UFPB. O projeto propiciou ainda algumas participações em congressos nacionais, regionais, internacionais. Além de palestras e minicursos relacionados à Pedagogia Hospitalar.

4 ATENDIMENTO PEDAGÓGICO HOSPITALAR: aspectos legais

As crianças e adolescentes têm o direito, assegurado por lei, de uma educação de qualidade. Deste modo, tal direito é garantido, também, aos impossibilitados de frequentar a escola, incluindo os que se encontram hospitalizados. A legislação da pedagogia hospitalar de âmbito nacional, surgiu em 1969 (Lei n. 1044/1969, art.1). Este documento tem por finalidade assegurar o direito da criança e do adolescente serem atendidos, não importando o ciclo³.

Ora, a *Constituição Brasileira Federal* (1988), outorga o direito à educação básica no Art. 5. Ademais, e no Art. 205 regulamenta que:

[...] a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Por sua vez, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído por meio da Lei n.8069/1990, assegura o direito criança e do adolescente, com algum tipo de deficiência ou impossibilitado a frequentar à escola, receberem atendimento especializado. Esta Lei preconiza que a educação inclusiva, por compreender que ultrapassa os limites geográficos escolares. Ora, a Resolução, nº 2, do Conselho Nacional de Educação (CNE), de 11 de setembro de 2001, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, revoga que:

os sistemas de ensino integrados ao sistema de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado, principalmente, se o aluno se encontra impossibilitado de frequentar as aulas, em razão de tratamento de saúde. Ainda, advoga que a Classe Hospitalar é a responsável pela educação deste aluno durante o período de afastamento das atividades escolares regulares, bem como, de sua reintegração ao sistema escolar (BRASIL, 2001).

O MEC, no ano de 2002, através de sua Secretaria de Educação Especial, elaborou um documento com estratégias e orientações para atendimento nas classes hospitalares. Este documento foi criado com intuito de fazer com que as

³ O Ensino Fundamental é formado por 9 ciclos e o Ensino Médio por 3 ciclos letivos anuais

crianças e os adolescentes internos ou com necessidades educacionais especiais tivessem o acesso à educação básica, determinando que:

O Ministério da Educação, por meio de sua Secretaria de Educação Especial, tendo em vista a necessidade de estruturar ações políticas de organização do sistema de atendimento educacional em ambientes e instituições outros que não a escola, resolveu elaborar um documento de estratégias e orientações que viessem promover a oferta do atendimento pedagógico em ambientes hospitalares e domiciliares de forma a assegurar o acesso à educação básica e à atenção às necessidades educacionais especiais, de modo a promover o desenvolvimento e contribuir para a construção do conhecimento desses educandos. (BRASIL, 2002, p. 7)

Compete ressaltar que, de acordo com este referido documento, o atendimento escolar hospitalizado, por meio da classe hospitalar ou do atendimento pedagógico domiciliar, segue o modelo de educação inclusiva, sendo, portanto, uma modalidade de ensino que se enquadra nos ideais da Educação Especial. (BRASIL, 2002). Ora, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), conhecida como Lei Darcy Ribeiro, n. 9.394 de 1996, concebe que:

A educação especial enquanto uma modalidade da educação escolar, oferecida na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais [...] que tal serviço poderá se dar em outros ambientes, caso não for possível sua integração nas classes comuns do ensino regular.

Neste sentido, ressalta-se que:

A educação especial se traduz em Educação no seu significado mais amplo na medida em que conta como um instrumento que não lhe permite apenas receber e compreender as peculiaridades, mas também atender eficientemente as necessidades e interesses daqueles que dela precisa (FONSECA, 2003, p. 15)

No ECA, o Art. 9 especifica que, a criança e o adolescente têm o “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programa de educação para a saúde”. A Lei dos Direitos das Crianças e Adolescentes Hospitalizados sé a Resolução n. 41 de 13/10/1995. Neste sentido,

[...] o que mais importa é que a criança ou adolescente hospitalizado venha receber, sempre e com o máximo empenho, o atendimento a que fazem jus, nessa tão importante fase de sua vida, da qual depende a sua futura estrutura, enquanto pessoa e cidadão". (MATOS; MUGIATTI, 2012, p.65)

Além disso, pode-se observar que todo menor hospitalizado tem direito de dar continuidade ao ensino escolar, mesmo no ambiente hospitalar, uma vez que várias leis e documentos regulamentam e asseguram estes direitos. Ora, "a pedagogia hospitalar mostra, portanto, que é um processo de educação organizada que transcende aos parâmetros usualmente adotados" (MATOS; MUGIATTI, 2012 p.77).

Desta maneira, ao refletir sobre o exposto, diante de todas as diretrizes institucionalizadas aludidas, que regem o sistema de ensino e assegura o direito das crianças e dos adolescentes hospitalizados, bem como norteia a atuação do pedagogo, frente à esta realidade, pode-se afirmar que é direito de toda criança e todo adolescente ter melhores oportunidades pedagógicas e condições escolares no contexto hospitalar.

Ora, a equipe multidisciplinar deve atuar nos hospitais para que todos os pacientes hospitalizados, principalmente criança e adolescentes sejam tratadas integralmente, na sua totalidade, e se o hospital puder ofertar o olhar da pedagogia ao longo das internações, curtas ou duradouras, será de suma relevância aos pacientes ao enfermo e, assim como, às famílias/acompanhantes.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho de pesquisa abordou a prática pedagógica hospitalar na Pediatria do HULW, na capital paraibana, a cidade de João Pessoa. Neste capítulo, apresenta-se a caracterização da pesquisa, o campo de pesquisa, os instrumentos utilizados, os sujeitos investigados e a análise de dados.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Para a concretização deste trabalho, foi feito primeiramente um levantamento bibliográfico, com fontes secundárias, da literatura acadêmica tornada pública em relação ao tema de estudo, em prol de um melhor entendimento (GIL, 2007).

Baseando-se em autores que discutem sobre a prática pedagógica em hospitais, este levantamento se deu através de estudos em livros e artigos científicos.

No segundo momento, realizamos um Estudo de Caso, de natureza qualitativa, através de observações e questionários pedagógicos hospitalares. A abordagem qualitativa pode ser conceituada como sendo:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de varias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (GIL, 2007, p. 17).

Posteriormente, também foi necessário realizar uma pesquisa documental para esclarecer os aspectos legais da Pedagogia Hospitalar. Vale ressaltar, que esse estudo também representa uma Pesquisa-Ação, pois a pesquisadora atua com prática pedagógica hospitalar no HULW.

5.2 CAMPO DE PESQUISA

Esse trabalho foi realizado no HULW, inaugurado em 1980 e localizado no Campus Universitário I da UFPB, no bairro Castelo Branco, no município de João Pessoa-PB. É o hospital - escola da UFPB, da esfera pública federal e vinculada ao

MEC, realizando atendimento aos municípios do Estado, sendo referência para atenção ambulatorial especializada.

No HULW, o Ambulatório disponibiliza atendimento à população com Serviços Assistenciais em Consultas Especializadas, tais como: Alergia e Imunologia, Angiologia, Cardiologia, Cirurgia Geral, Cirurgia Plástica, Cirurgia Vascular, Dermatologia, Endocrinologia e Metabologia, Gastroenterologia, Geriatria, Hematologia, Homeopatia, Infectologia, Nefrologia, Neurologia, Oftalmologia, Ortopedia, Otorrinolaringologia, Pneumologia, Psiquitria, Reumatologia, Urologia, Mastologia. Como também as Cirurgias Ambulatoriais e as Consultas Paramédicas de: Psicologia, Serviço Social, Enfermagem, Nutrição, Odontologia e Fisioterapia. É realizado também o atendimento de Pré-natal para acompanhamento das gestantes de Alto Risco.

Também realiza uma enorme variedade de exames de Média e Alta-complexidade, como por exemplo: Patologia Clínica, Anatomopatologia e Citopatologia, Radiodiagnóstico, Ultrassonográficos, e Diagnose. Inclusive, a área sua de internação oferece assistência em diversas clínicas, buscando, garantir aos usuários um atendimento humanizado.

Segundo dados do MEC, o HULW possui aproximadamente 1.100 servidores, 220 leitos, 80 consultórios médicos, e realiza 20 mil atendimentos e 250 cirurgias por mês, cuja capacidade é 50 mil exames por mês, em função de ter 10 laboratórios e, inclusive, realiza 700 internações mensais.

5.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E AMOSTRA PESQUISADA

A temática desse estudo foi desenvolvida e apoiada por uma abordagem qualitativa, em que se busca uma compreensão particular daquilo que se estuda, objetivando compreender e interpretar o objeto investigado, ou seja, a prática pedagógica hospitalar a partir das observações e questionários que foram realizados e aplicados com a amostra pesquisada.

Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foram: observação e questionário semiestruturado (Cf. Apêndice A). A observação, pelo fato desta possibilitar uma melhor compreensão e fornecimento de informação mais objetivas sobre o tema em estudo, por ser de relevância para futuras práticas pedagógicas em

hospitais, permitindo a possibilidade de registrar e analisar as práticas metodológicas desenvolvidas por estes profissionais da educação.

Para a utilização dos questionários foram considerados aspectos que são importantes para perceber como estão sendo desenvolvidas as práticas pedagógicas oferecidas às crianças no HULW. A proposta dos questionários foi que relatassem as suas principais percepções acerca do entendimento sobre a relevância da Pedagogia Hospitalar.

Enfim, todos os processos metodológicos da pesquisa pretenderam buscar dados predominantemente qualitativos, cujos sujeitos investigados foram dois alunos/pacientes sendo uma criança e um adolescente, dois familiares acompanhante da criança e do adolescente, uma docente que faz os atendimentos pedagógicos hospitalares e uma profissional da equipe médica do HULW.

6 ANÁLISE DOS DADOS

6.1 ENTREVISTA COM A PROFESSORAL DOCENTE DO HULW

A primeira amostra da análise foi realizada com uma docente que atua realizando atendimento psicopedagógico com crianças/adolescentes na pediatria do HULW e, também, exerce o cargo de vice-coordenadora do projeto de extensão, é formada em Psicologia e possui pós-graduação em psicopedagogia.

A formação acadêmica da docente condiz com a sua atuação laboral nas práticas pedagógicas no ambiente hospitalar e encontra-se em conformidade com que as diretrizes do MEC, recomenda qual seja:

O professor deverá ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo. (BRASIL, 2002, p. 22)

Ao ser questionada sobre o processo inicial de conhecer a prática profissional da Pedagogia Hospitalar, obteve-se a seguinte resposta:

No início de 2001 eu estava em Fortaleza fazendo vários cursos e comecei a fazer algumas leituras relacionados ao tema, e comecei a ver Psicopedagogia as possibilidades outras vertentes. Por coincidência tinha uma professora que desenvolvia atendimentos Psicopedagógicos no hospital do câncer. A partir disso fiquei bastante interessada e fui buscar conhecer sobre trabalho dela com essas crianças, e aabei ficando lá por um tempo, e foi um período que permaneceu marcado foi onde eu pude vivenciar a teoria com a prática. Ao retornar para João Pessoa continuei sentindo essa necessidade de trabalhar com a psicopedagogia hospitalar, então soube que dentro na universidade existia o projeto da Professora Janine que desenvolvia esse tipo de atendimento com criança/adolescente hospitalizada, na Pediatria do HU. Então pensei na possibilidade de continuar o trabalho que havia começado em fortaleza, ainda 2001 me apresentei a Professora Janine e a equipe do projeto, relatei que tinha gostado muito da temática, então ela me convidou para fazer parte da equipe, dei início ao trabalho no projeto e estou até hoje (DOCENTE)

Nota-se, com o depoimento da docente, que o interesse pela Pedagogia Hospitalar surgiu da sua própria vontade de estudar e pesquisar mais sobre o

assunto. Isso normalmente é o que acontece com a maioria das pessoas que se interessam pela temática, pois apesar da Pedagogia Hospitalar estar em desenvolvimento no Brasil por alguns anos, ainda é pouco divulgada e exercida. Isso é uma consequência da matriz curricular do curso de Pedagogia e das licenciaturas que ainda não proporciona um aprofundamento relacionado ao tema.

Então, a única opção para contribuir com a formação profissional, que atenda às necessidades exigidas para uma prática educativa no contexto hospitalar, é buscar uma formação continuada através de pesquisas científicas, leituras de livros, cursos à distância e Projetos de Pesquisas ou Extensão. De acordo com Matos (2012, p. 21):

A Pedagogia Hospitalar é hoje vista como um desafio para os cursos de Pedagogia, já que ela possui sua própria especificidade e demanda que os profissionais possuam várias habilidades e competência que poderão adaptar-se as diversas mudanças para incluir o aluno/enfermo em uma nova realidade para que não perca o ano letivo que vinha cursando.

Essa formação dos professores para atuação na Pedagogia Hospitalar necessita ter um olhar humanístico e uma ação docente inclusiva, em virtude de:

Os valores pessoais e de valorização e reconhecimento do cidadão como pessoa extrapolam qualquer forma de avaliação perversa ou excludente que discrimina, marca e julga as pessoas por aquilo que, em um padrão engessado, determina não o que podem fazer, mas o que não podem (RODRIGUES, 2012, p. 54) .

Nessa respectiva, percebe-se que o profissional de Pedagogia em formação e integrante do Projeto de Extensão, coordenado pela professora Dra. Janine Marta Coelho, possui um currículo acadêmico que não supri as demandas da Pedagogia Hospitalar, pois assim como a docente entrevistada, o Curso de Pedagogia da UFPB tem, apenas, a oportunidade de conhecer a Pedagogia Hospitalar através do projeto. E como bem ressalta a autora Paula (2010) o ambiente hospitalar é um lugar onde ação educativa é mais complexa, porém existi um leque de possibilidades.

Ora, a atuação de alunos em estágios e em projetos de extensão em espaços hospitalares vai ser de extrema importância na construção de um novo currículo pedagógico, além de levá-los a refletir sobre sua prática profissional enquanto futuro educador. Nessa perspectiva, compreende-se que:

Os acadêmicos aprendem com a experiência no hospital que nas práticas educativas e recreativas que realizam é preciso sempre saber lidar com o inesperado. Eles aprendem que na elaboração do currículo da escola no hospital e nas brincadeiras, a regra é não ter uma regra fixa e determinada. Ou seja, é preciso saber desconstruir o determinado em situações novas e inusitadas. É preciso aprender com o grupo a reinventar o cotidiano, mas para desconstruir, é preciso sempre ter algo a oferecer (PAULA, 2010, p. 85)

Em relação ao segundo questionamento, direcionada à docente, indagou –se sobre qual era sua concepção em relação exercer a prática pedagógica com crianças hospitalizadas.

Extremamente gratificante, pelo fato de promover a elevação da auto-estima da criança/adolescente, além de quebrar a rotina hospitalar ao envolvê-la em atividades psicopedagogias lúdicas que auxiliam no seu desenvolvimento cognitivo e sócio emocional (DOCENTE).

No momento da entrevista, a docente relata sua experiência com orgulho, amor e dedicação, isso é fundamental para o bom desenvolvimento do seu trabalho e, com certeza, isso reflete na sua prática pedagógica como educadora. Diante disto ela mostra que tem um olhar sensível e humanizado ao desenvolver suas atividades cotidianas. A Figura 2 evidencia o clima de descontração da equipe.

FIGURA 2: Equipe de pedagogas



Fonte: Pesquisa direta, 2017

Para as autoras Matos e Magotti (2012, p. 75):

O pedagogo deve estar atento, solícito e prestativo diante da instância de continuar preparando, desafiando e estimulando o escolar a e a evencer esta etapa da hospitalização e suas consequências na esfera psicopedagógica, pois é seu direito a gozar de boa saúde e receber escolaridade independente de quais quer condições.

A terceira questão abordou aspectos sobre a maior dificuldade encontrada ao trabalhar com criança/adolescente hospitalizado. “Não encontro nenhuma dificuldade em exercer a minha profissão com crianças e adolescentes hospitalizados” (DOCENTE). A docente respondeu com segurança e, certamente, é em função de experiências e os conhecimentos adquiridos ao longo de 16 anos atuando com a Pedagogia Hospitalar.

No meu caso, enquanto uma profissional em formação acadêmica, minha maior dificuldade no período de três anos de atuação no projeto foi ter que lidar com a piora da enfermidade do paciente interno, pois era difícil aceitar que aquele aluno que hoje estava realizando as atividades de maneira entusiasmada e feliz, outrora talvez não pudesse estar da mesma maneira. Essas dificuldades me fizeram refletir muito sobre a minha escolha pela profissão de educadora e me fizeram enxergar como a ação pedagógica no ambiente hospitalar é importante.

A missão da Pedagogia Hospitalar é, além de levar a escolarização, gerir sentimentos bons, fazer com que o aluno interno consiga ter um olhar positivo sobre a situação em que ele se encontra e, assim minimizando os sentimentos depressivos que pode refletir no seu quadro clínico. Para Rodrigues (2012, p. 117), “É preciso que o professor esteja bem preparado para atuar nesta área, pois boa parte do sucesso desse trabalho depende da sua construção e da sua atuação e de como vai ser o seu desenvolvimento”.

Por outro lado, ao ser questionada sobre quais são os critérios utilizados para o planejamento das atividades, relata que “o planejamento é realizado individualmente a partir das observações e da evolução dos alunos mediante as atividades elaboradas” (DOCENTE). Ora, cada aluno possui sua particularidade e as atividades devem pautar-se da dificuldade de aprendizagem que o aluno possui, por isso o planejamento não pode ser coletivo, em virtude de estarem hospitalizados e cada terem patologias distintas.

Em virtude disso o planejamento deve ser flexível, sempre levando em consideração as condições do aluno, e fazendo com ele consiga desenvolver o processo de ensino-aprendizagem, deste modo não existe um planejamento perfeito ou ideal, existem métodos e recursos que facilitam a ação educativa por meio das práticas pedagógicas. Na visão de Freitas e Ortiz (2001, p. 74), “as práticas das Classes Hospitalares devem estar centradas em encaminhamentos pedagógico-educacionais que não deixam de incluir programações lúdico-educativas”.

Os conteúdos ensinados no momento dos atendimentos pedagógicos vão procurar seguir o mesmo que o aluno está vendo na escola regular, porém de uma forma mais visual e com um tom diferenciado e sempre que necessário recorrendo as atividades lúdicas. O processo educacional hospitalar tem suas próprias particularidades e necessitam está de acordo com o espaço ele está inserido.

A função do professor de classe hospitalar não é a de apenas “ocupar criativamente” o tempo da criança para que ela possa “expressar e elaborar” os sentimentos trazidos pelo adoecimento e hospitalização, aprendendo novas condutas emocionais, como também não é a de apenas abrir espaços lúdicos com ênfase no saber pedagógico para que a criança “esqueça por alguns 32 momentos” que está doente em um hospital. O professor deve estar no hospital para operar com processos cognitivos afetivos de construção da aprendizagem cognitiva e permitir aquisições escolares às crianças (CECCIM, 1999, p. 3)

Quando questionada em que espaço do hospital esse trabalho e atendimento pedagógico é realizado a mesma relata que:

Na brinquedoteca e nos leitos, nos leitos quando as crianças estão fragilizadas sentindo-se indispostas, as atividades normalmente é uma contação e interpretação de histórias, um jogo, tudo depende muito de como a criança/adolescente esteja afinal de contas sempre deve-se respeitar suas condições físicas e emocionais (DOCENTE).

As atividades escolares realizadas durante a internação devem objetivarem levar a transformação do ambiente hospitalar, onde o que predomina na maioria das vezes é o medo, dor, angustia e tristezas. Inclusive os atendimentos pedagógicos, em alguns casos, ocorrem no próprio leito de internação, conforme pode ser visualizado na Figura 3:

FIGURA 3: Atendimento Pedagógico no leito de internação

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Então seja no leito ou na brinquedoteca, o atendimento pedagógico deve contribuir para que a criança/adolescente interno sinta-se acolhido, além promover seu ajuste emocional, ou seja, trabalhando a educação e a saúde ao mesmo tempo.

É preciso ainda que o professor compreenda o seu verdadeiro papel e a sua importância, pois por mais que as aulas/atendimentos sejam realizadas na brinquedoteca ou com recursos lúdicos, faz-se necessário que o educador reflita sobre sua ação deixando claro para si mesmo que ele não está ali como um brinquedista ou alguém que serve para distrair ou fazer com que o tempo passe mais rápido. O papel do pedagogo é realizar um trabalho educacional e estimular o ensino-aprendizagem das crianças/adolescentes internos, minimizando assim os prejuízos futuros o tempo de internação pode acarretar.

Ao ser questionada sobre o seu relacionamento com a família do aluno Hospitalizado, obteve-se que: "Sempre harmoniosa, procuramos sempre envolver a família e os acompanhantes nas atividades propostas as crianças" (DOCENTE). Durante o período de observação e vivência foi possível perceber exatamente isso, que a relação estabelecida entres os professores e os familiares dos alunos internos é boa. E isso é fundamental tanto para o emocional como educacional do educando, pois essa relação vai permitir que haja uma ligação maior entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem da criança/adolescente hospitalizado.

Por sua vez, ao ser questionada de como é sua relação com a equipe médica do hospital, relata que: "Tranquila saudável, a equipe médica extremamente competente com trabalho com as crianças e respeita o nosso trabalho" (DOCENTE).

Observamos que os educadores não apresentam problemas de relação com a equipe médica, porém ainda falta um pouco de comunicação que conduza o desenvolvimento de um trabalho multidisciplinar, de fato em alguns momentos eles acontecem, mas percebemos que ainda é um pouco limitado. A mesma também relatou que procura se informar sobre a patologia dos seus alunos, pois:

As vezes procuramos nos informa sobre a hipótese diagnostica quando seu comportamento (sonolência excessiva, desmotivação, agressividade, irritabilidade ou apatia) estão interferindo no processo de aprendizagem, ou então quando sua idade cronológica e incompatível com a escolaridade (DOCENTE).

Discutir acerca da informação sobre a patologia do aluno enfermo é algo bem complexo e merece muita discussão e reflexão, pois é importante conhecer o motivo pelo aquele determinado aluno está hospitalizado, em virtude de geralmente possuir traumas que intervêm na sua na aprendizagem e que apenas o olhar pedagógico pode auxiliá-lo a ser estimulado adequadamente.

Por outro lado, essa abordagem é bem difícil, pois muitas vezes o diagnostico pode gerar um certo desconforto, tanto para família quanto para a criança/adolescente interno. Eles podem não entender que a intenção de querer saber seja para ajudar e, infelizmente, podem representar essa ação apenas como uma mera especulação. Por isso é tão importante que haja um olhar sensível, humanizado e, inclusive, uma relação de afetividade com todos os sujeitos que fazem parte de processo educacional.

Quando questionada por quanto tempo as aulas e em que turno elas acontecem, a entrevistada descreve que: "As atividades são realizadas do período da manhã, das 8h:30min às 11h:30min que é o horário de funcionamento da brinquedoteca" (DOCENTE, 2017). É importante salientar que, geralmente, o horário de atendimento pedagógico vai depender também da visita médica que normalmente acontecem é no período da manhã, e para criança/adolescente não ter que se ausentar antes da visita médica e isso não ocasionar um transtorno para a equipe médica, o enfermo e nem a família, e para que esse momento educacional não se torne um obstáculo é necessário respeitar as regras e a rotina do hospital. Em relação à comunicação com escola do aluno hospitalizado, obteve-se que:

Não, devido a vários fatores tais como; falta de recursos financeiros para locomoção, de pessoal para as visitas às escolas considerando que grande parte desses alunos/adolescentes enfermos são de bairros e municípios distantes (DOCENTE).

Para que isso de fato aconteça, faz-se necessário que as Secretarias de Educação dos municípios estejam articuladas com os poderes políticos, e saiam da sua área de conforto e busque investimentos, estratégias e alternativas que possam garantir esse direito estabelecido lei. Segundo a Secretaria da Educação Especial do MEC, é necessário:

Providenciar em parceria com os serviços de saúde e de assistência social, mobiliário e/ou equipamentos adaptados de acordo com as necessidades do educando, como: cama especial, cadeira e mesa adaptadas, cadeira de rodas, eliminação de barreiras para favorecer o acesso a outros ambientes da casa e ao espaço externo, etc.(BRASIL, 2002, p. 17)

Portanto, os pacientes internos têm o direito legal de terem acesso à educação inclusiva de qualidade, independentemente do espaço que eles se encontram ou da sua condição física ou emocional.

6.2 ENTREVISTA COM AS MÃES/ACOMPANHANTES

A compreensão sobre o verdadeiro papel do pedagogo hospitalar e do atendimento oferecido aos pacientes internos, é algo essencial à pesquisa, principalmente pelos indivíduos envolvidos nesse processo, em virtude da compreensão favorecer uma análise adequada a respeito da prática pedagógica realizada com crianças e adolescentes hospitalizados. Essa compreensão talvez não seja clara, em consequência da Pedagogia Hospitalar ser uma área de atuação menos explorada pelos profissionais da área.

Durante a observação no HULW, percebeu-se que a maioria dos familiares/acompanhantes dos pacientes internos desconhecem a função do pedagogo hospitalar, e também que seus filhos possuem direitos garantidos por lei para receber os atendimentos pedagógicos enquanto estiverem hospitalizados.

Para obter informações concludentes sobre o ponto de vista das mães/acompanhantes dos pacientes internados, foram entrevistadas duas mães. Quando questionadas se antes da hospitalização do seu filho, elas sabiam da

existência de atendimento pedagógico no hospital, elas relataram o seguinte: "Não sabia, soube através das tias que vieram até a enfermaria" (MÃE A); "Não sabia, só fiquei sabendo quando teve a visita das pedagogas na enfermaria" (MÃE B).

Os relatos das duas mães evidenciam que nenhuma delas tinha o conhecimento sobre o atendimento pedagógico hospitalar. Apesar dessa prática ter começado no Brasil desde o ano de 1950, notou-se que poucas pessoas têm conhecimento dessa ação. Diante disso percebemos que longo é o caminho que a pedagogia hospitalar ainda necessita percorrer.

Uma outra questão direcionada às entrevistadas foi em relação ao número de vezes que o filho (a) delas foram internos: "Ele já foi interno 4 vezes só que em outro hospital (MÃE A); "Ela foi interna 14 vezes" (MÃE B). Os períodos de internação representam os maiores problemas quando se trata da vida da criança/adolescente, pois vai causar muitas mudanças na sua rotina, além de tira-la do convívio familiar, também vai distanciar dos seus amigos. E com certeza essas alterações bruscas e inesperadas vão interferir no seu desenvolvimento sócio- emocional e educacional.

Os atendimentos pedagógicos hospitalares no HULW evidenciam que a internação não é algo que afeta apenas as crianças/adolescentes, mas toda estrutura familiar, uma vez que a maioria dos familiares se sentem culpados por nem sempre dá a assistência ou a atenção necessária ao seu filho(a), não por que querem mas por que necessitam tendo em vista que a maior parte dos sujeitos atendidos no HULW são de comunidades carentes, municípios distantes e chegam até morar fora da cidade (sítios), muitas são mães solteiras que é caso das duas entrevistas, possuem pouca escolaridade e ainda tem mais de um filho.

Diante do exposto, as entrevistadas foram inquiridas sobre as preocupações em relação a educação de seu filho (a), tendo em vista o processo de hospitalização:

O tempo que ele passa fora da escola, no período de internação ele sempre perde muita aula, isso faz com que ele fique com o raciocínio mais lento e acaba prejudicando nas atividades (MÃE A); Todas possíveis por que já são quase dois meses sem aula (MÃE B).

Foi possível constatar com os relatos, que mesmo com tantas dificuldades e a internação, os familiares se preocupam com a escolarização de seus acompanhantes, entendendo o quanto é importante eles estarem na escola. Quem

sabe não seja por que eles vêem no filho a oportunidade de ter uma vida que eles não tiveram. Por sua vez, ao serem questionadas se elas perceberam alguma mudança no comportamento do filho (a) quando passaram a receber o atendimento pedagógico hospitalar as mesmas disseram que:

Sim, ele se sente mais feliz, por que ama ler até mais que os brinquedos, então aqui no nesse hospital percebi que ele se sente diferente das outras internações (MÃE A).

Sim, ela ficou mais ativa bastante confiante pois vocês deram total apoio a ela (MÃE B).

Diante desse contexto, pode-se como trabalho pedagógico realizado com essas crianças/adolescentes hospitalizados é capaz de amenizar os traumas e sofrimentos da internação. Na visão das entrevistadas o olhar humanista e afetivo dos educadores, trouxe grandes benefícios tanto na recuperação dos mesmos quanto no comportamento.

Durante os atendimentos pedagógicos realizados crianças/adolescentes no HULW é normal mães/acompanhantes querem participar, muitas vezes o pedagogo inseri as mães nas atividades do filho. Isso é consequência também do período que ela se encontra no ambiente hospitalar, pois passam todo esse processo juntamente com seu familiar, então elas vêem na atividade uma maneira de também descontraírem e fugir um pouco daquele sofrimento, conforme pode ser visualizado na Figura 4:

FIGURA 4: Mães/acompanhantes participando do atendimento pedagógico



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Então, o docente pode auxiliar os familiares nesses momentos tão difíceis no qual estão vivendo, levando atividades também direcionadas a elas, além de levar

uma palavra de conforto, de coragem e fé. Com isso causando além de interação entre criança/adolescente e professor, mostrando que mesmo internada eles podem, devem e tem condições de continuar sua escolarização mesmo estando em um ambiente hospitalar.

Em relação as duas entrevistadas quando indagadas se elas costumam participar dos atendimentos pedagógicos juntamente com seus filhos as mesmas relataram: "Não, fico na enfermaria descansando" (MÃE A); "Não muito gosto de deixa ela a vontade, fico na enfermaria mais as vezes vou dá uma olhada nela quando ela está na brinquedoteca" (MÃE B). Observa-se que elas preferem permanecer na enfermaria, isso é perfeitamente compreensível, tendo em vista que passam por muitas dificuldades, fragilidades e muitas noites sem dormir pois, na maioria das vezes, não tem com que revezar os dias, noites e horas. A brinquedoteca pode ser visualizada na Figura 5.

FIGURA 5: Brinquedoteca



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Mas, ao serem questionadas se elas acham importante esse processo educacional oferecido no ambiente hospitalar:

Sim é ótimo, por que é a primeira vez que vejo isso num hospital, ele amar ler livro, então estudar aqui no hospital vai fazer com que ele não sinta tantas diferenças quando voltar para escola (MÃE A).
Muito, pois a educação é a base de tudo, a criança precisa de um incentivo de um apoio, segurança e vocês pedagogas fazem que o hospital se tornem esse ambiente, só tenho que agradecer pelo que fazem por minha filha (MÃE B).

Diante de tudo que foi exposto por meio das entrevistas e com as observações e conversas informais com outros acompanhantes, foi possível

constatar a grande importância que tem a prática pedagógica hospitalar na vida dessas crianças e adolescentes hospitalizados. Pois essas ações ultrapassam as dificuldades e anseios da internação e, além disso, estimulam o aluno durante o período de hospitalização, ajudando a minimizar os prejuízos futuros quando eles retornarem à escola regular.

6.3 ENTREVISTA REALZADA COM OS ALUNOS PACIENTES

O processo de internação é algo muito complexo na vida uma pessoa, principalmente para crianças e adolescentes que ainda estão em constante transformação, em processo escolar e, por isso, pode trazer prejuízos e cicatrizes que vão durar a vida. Com o intuito entendermos melhor o que eles sentem quando então hospitalizados, entrevistamos dois internos um menino de 10 anos (JOÃO), e uma adolescente de 14 anos (MARIA), optamos por manter os nomes em sigilo para preservá-las, identificando-os com nomes fictícios.

João é menino de 10 anos muito extrovertido, inteligente e religioso, umas das suas coisas preferidas é ler a bíblia assim que acorda, ele está cursando o 5º ano do ensino fundamental, amar ler livros e o seu maior sonho quando crescer é ser cozinheiro. Como todo menino da sua idade e com tantas tecnologias acessivas ama jogos eletrônicos.

Enquanto Maria, como toda garota de sua idade, é uma adolescente cheia de expectativas e sonhos relacionados à vida, na culminância de seus 14 anos de idade vem cumprindo religiosamente todas as etapas do seu tratamento contra o Lúpus. Maria é muita bonita, inteligente e comunicativa a mesma está cursando o 8º ano do ensino médio, porém por recomendação médica ela vai ter que ficar sem ir para escola durante um período tratamento.

Ela mora em outro município e já ficou interna cinco vezes, por se tratar de uma doença crônica e que não tem cura apenas tratamento – Maria precisa ir e voltar ao hospital constantemente. Segundo sua mãe, a primeira internação teve início quando ela tinha apenas 2 anos de idade, cujo tratamento altera completamente a rotina de Maria, tendo em vista que ela mora em outro município e os efeitos colaterais dos medicamentos afetaram muito o seu lado emocional.

Os altos teores hormonais juntamente no período da sua adolescência ocasionaram muitas mudanças em seu corpo, como Maria é aluna do projeto desde

de 2014, percebemos que ela se sente envergonhada com as mudanças que lhe ocorreram. É importante ressaltar que apesar de todas as dificuldades desde que descobriu o diagnóstico ela tenta levar uma vida normal, e continua tendo sonhos e expectativas em relação à vida e seu futuro.

Em conversas informais durante os atendimentos, ao ser perguntada qual era seu maior sonho, ela respondeu “ser médica, quero ser médica para poder ajudar as pessoas que estão doentes como eu” (MARIA). Sua resposta evidencia a importância do preparo emocional que o pedagogo necessita ter para trabalhar em um ambiente hospitalar.

No momento da entrevista quando questionamos João e Maria se eles sabiam o motivo de estarem internados, ambos relataram que sim. Esse esclarecimento a respeito do diagnóstico, por mais difícil que seja às vezes é importante, pois vai ajudar evitar que eles fiquem imaginando e fazendo suposições errôneas, que possam afetar e interferir no tratamento.

Inclusive os dois foram questionados de como eles se sentem quando estão no hospital: “Quando eu estou lá no quarto fico chateado, não gosto de ficar deitado, não tem nada para fazer” (JOÃO); “Mal acho um tédio por que sou muito imobilizada, e quando estou no hospital não posso sair e em casa normalmente vou andar de bicicleta com meus primos” (MARIA).

Então perguntamos como eles se sentem no momento das aulas e o que mais gostam: “Legal, divertido, eu gosto de ler, e de ficar mexendo no computador” (JOÃO); “Legal, eu gosto de todas mais a que eu mais gostei foi atividade de colagem com animais que eu fiz com você e a outra tia” (MARIA). Nesse contexto o entusiasmo dos dois foi unânime, cujos atendimentos pedagógicos hospitalares contribuíram positivamente na maneira com que eles se sentem.

Quando questionados se estavam aprendendo aqui no hospital eles relataram que: “Sim todas as atividades são legais, as aulas são divertidas é diferente da minha professora da escola” (JOÃO); “Sim, estou lendo mais” (MARIA).

FIGURA 6: Prática Pedagógica Hospitalar no computador



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Neste sentido, foi possível perceber como os atendimentos pedagógicos servem de estímulos, para autoestima, no processo educacional da criança/adolescente hospitalizada, cuja aprendizagem é significativa e marca a vida deles. Como João gosta muito de ler as atividades desenvolvidas com ele no seu período de internação, foram mais de leitura, escrita e interpretação de texto, e como ele relatou que gostava muito de tecnologias principalmente computador fizemos o uso desse recurso para também fazer atividades pedagógicas. Segundo Matos e Mangotti.

A inclusão digital no contexto hospitalar propicia, assim o ensejo a novos olhares e ações, criando com isso espaços para troca, interação, informação, softwares e Internet. Promove em decorrência, um ambiente de maior interação do enfermo com seus familiares e com os funcionários do hospital (MATOS; MUNGIATTI, 2012, p. 141)

Como a aluna Maria sempre vai e volta para o hospital já foram realizadas com ela atividades bastante diversificadas, ao longo dos períodos de internação dela que uma interação maior fomos percebendo que ela bastante ansiosa inquieta, optamos por trabalhar atividades que envolvesse e estimulasse a criatividade como colagens, origamis e pinturas. Para Porto (2012, p.47)“ O ato criativo é um ato de coragem. Quem pensa muito não cria porque o racionalismo, o excesso de crítica detém o processo criativo.

Grandes são os traumas sofridos durante o tratamento, por isso são tão importantes a estimulação e o incentivo do profissional de educação pois ele vai

ajudar os alunos através das atividades específicas e aprofundas a superar os desafios, além de fazer com que eles consigam desenvolver outras habilidades e enxergar outras possibilidades fazendo assim como eles tirem alguma vantagem do processo de internação. Para finalizar as entrevistas perguntamos de que João e Maria sentiam mais falta depois que estavam aqui no Hospital: "Dos meus irmãos que estão em casa e de ir para escola" (JOÃO); "Da minha casa e das minhas amigas, das minhas aulas de matemáticas e da aula de arte" (MARIA).

As respostas de ambos demonstram o quanto é difícil o afastamento do núcleo familiar, como eles sentem falta desse contato e convívio com a família e amigos. Como se não bastasse ter que enfrentar em momentos de medo, ansiedade, frustração e tristeza que o período de internação ocasiona ainda tem que conviver com a saudade de casa e dos seus entes queridos.

6.4 ENTREVISTA COM O PROFISSIONAL DA EQUIPE MÉDICA DO HULW

Na ala da Clínica Pediátrica do HULW, muitos profissionais que fazem parte da equipe de saúde reconhecem a importância do atendimento pedagógico hospitalar, bem como acreditam que a área da educação também faça parte da equipe interdisciplinar do hospital, e consideram que as atividades pedagógicas realizadas, são de extrema importância que auxiliam na recuperação do quadro clínico da criança.

Para esclarecer melhor a compreensão e os pensamentos dos profissionais da equipe médica a respeito do processo educacional em um ambiente hospitalar, escolhemos como sujeito para participar da nossa pesquisa uma das psicólogas que presta atendimento na clínica pediátrica do HULW há 3 meses. R.C.S é formada em Psicologia, com especialização em Terapia Familiar e de casal e Saúde hospitalar. A primeira questão direcionada a ela foi qual era a sua visão em relação a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar:

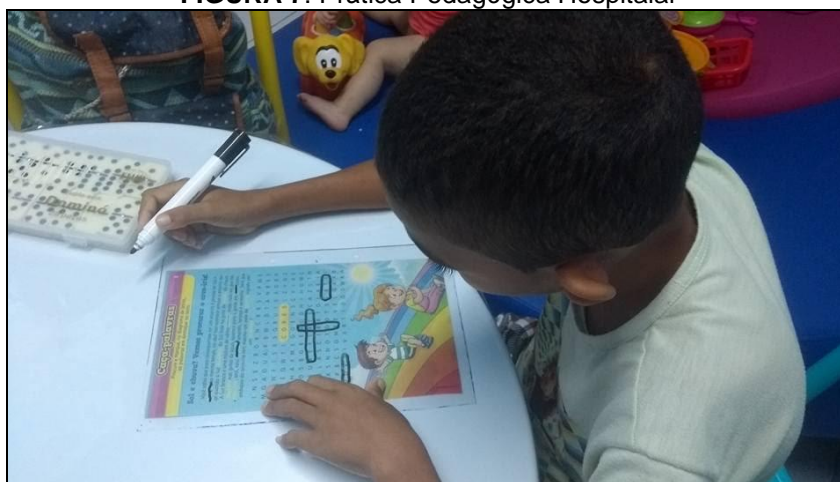
A presença do pedagogo aumenta ainda mais as possibilidades de um atendimento integral ao usuário do serviço. Quando uma pessoa chega ao hospital traz consigo toda sua história, inclusive escolar que está correlacionadas com todas as demais (PSICÓLOGA).

Foi possível perceber na fala da entrevista que a presença do pedagogo pode é de grande relevância pois podem propiciar a esses alunos internos outras oportunidades e possibilidades, valorizando a sua história de vida e o aprendizado que ele já possui. Segundo as estudiosas Matos e Mugiatti (2012, p. 107) “A pedagogia hospitalar vem contribuir para inovação assistência clínica infanto-juvenil, nos seus múltiplos procedimentos trazendo muitos benéficos à criança e ao adolescentes hospitalizados”. Mas, ao ser questionada sobre a importância do atendimento educacional às crianças/adolescentes hospitalizadas ela relata:

Não há dúvidas! Toda e qualquer criança precisa ser vista na sua totalidade e se o hospital puder ofertar o olhar da pedagogia ao longo das internações, curtas ou duradouras, será de extremo ganho para as crianças assim como para as famílias (PSICÓLOGA).

Diante do contexto, pode-se observar que realmente a equipe de saúde considera importante, o processo de escolarização hospitalar (Cf. Figura 7) e acredita que ele pode oferecer diversos benéficos até mesmo no quadro clínico dos alunos/pacientes.

FIGURA 7: Prática Pedagógica Hospitalar



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

É o que complementa a entrevistada quando indagada se do ponto de vista da mesma, ela observa a interferência pedagógica no tratamento e recuperação das crianças hospitalizadas:

O pedagogo pode identificar questões não observadas pelos demais profissionais da equipe, assim como poderá realizar intervenções que somente ele tem competência para fazer, tudo isso ao observar o que cabe ser feito dentro do contexto hospitalar (PSICÓLOGA).

A partir da relação de afetividade, confiança e segurança estabelecida com o aluno/interno durante os atendimentos pedagógicos, e de um olhar mais direcionado e específico, o educador pode conseguir enxergar alguns detalhes não observados pelos outros profissionais da equipe de saúde, em virtude de:

Na Pedagogia Hospitalar, existe uma relação de afetividade e companheirismo entre professor e paciente com vistas ao seu reestabelecimento, interação e socialização. Assim, por meio desses aspectos, não permita que seu estágio de fragilidade e enfermidade os impeçam de lutar pela sua saúde (RODRIGUES, 2011, p. 61).

Para concluir, inquiriu-se quais sugestões a mesma daria para melhorar a relação entre a equipe médica e a equipe pedagógica:

A comunicação é ainda o maior desafio! A busca e a instância por construir essa relação pode favorecer muito a evolução e a saúde dos pacientes. Um trabalho em conjunto com psicólogos e assistentes sociais principalmente podem facilitar ainda mais o período de internação desses pacientes (PSICÓLOGA).

Diante de tudo que foi exposto percebemos como a equipe médica considera importante e como as práticas pedagógicas podem auxiliar na recuperação do quadro clínico dessas crianças/adolescentes.

Porém ainda existe grandes desafios a serem superados quanto a atuação multidisciplinar para assim de fato conseguir uma interação e resultados, mas efetivos no que desrespeito a escolarização e recuperação desses pacientes. Para Matos e Mugiatti (2012, p. 118) “a reflexão sobre a experiência multi/inter/transdisciplinar e respectivas modalidades de orientação, junto a crianças e adolescentes hospitalizados, conduz a convicção da sua natureza terapêutica”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dessa pesquisa favoreceu a conhecer um pouco dos aspectos históricos da Pedagogia Hospitalar, tanto em âmbito internacional quanto nacional, além de compreender como são realizadas as práticas pedagogias hospitalares e qual a verdadeira importância dela para vida e para o auxílio a recuperação das crianças/adolescentes hospitalizadas.

A Pedagogia Hospitalar é um novo campo de atuação para o pedagogo, exigido que sua atuação no ambiente hospitalar seja muito mais que um educador, pois o ambiente de educação informal requer um profissional ainda mais reflexivo, ou seja, um profissional com uma nova práxis educativa, objetivando um atendimento educacional que proporcione a continuidade da escolarização, por meio de atividades mais descontraídas e lúdicas, permitindo que o aluno esqueça um pouco de todos os traumas sofridos durante o período de hospitalização.

Grandes são os desafios e o caminho que a pedagogia hospitalar e sua ação precisa percorrer, uma vez que apesar de ter começando a muito anos atrás pouco se houve falar e poucos são os estudos e pesquisas na área. Enquanto voluntária do *Projeto Classes Hospitalares* desde do ano de 2014, e uma profissional em formação posso relatar que foi possível vivenciar experiências inesquecíveis e que cada atendimento pedagógico realizado me fez evoluir tanto como pessoa como profissional, por meio da união da teoria com a prática, de uma maneira um pouco diferente e desafiadora é verdade, porém muito gratificante.

No início foi muito difícil pois nunca imaginei ser possível haver escolarização dentro de um ambiente hospitalar, porém a cada sorriso de uma criança e cada olhar que mesmo sem palavras, expressava tanto carinho, gratidão e alegria fui vencendo todos os desafios, pois há não sensação melhor e maior que você fazer alguém que está passando por tantos momentos dolorosos, de ansiedade, medo, frustração sorrir.

A convivência e o aprendizado com essas crianças e adolescentes hospitalizados são experiências que vou levar para minha vida toda, porque elas também que me incentivaram a ser uma profissional melhor. Através das análises dos dados da pesquisa, podemos perceber como um olhar humanizado, o trabalho interdisciplinar e a interação entre todos os sujeitos envolvidos no tratamento da criança/adolescente são da mais alta relevância.

Mas, por outro lado, cabe destacar que para melhorar e aprimorar as práticas pedagógicas hospitalares, faz-se necessário algumas observações, tais como: uma adequação da matriz curricular acadêmica do curso de Pedagogia para capacitar e preparar os discentes a se tornarem pedagogos gabaritados à atuarem profissionalmente com a Pedagogia Hospitalar; investimento e estruturação para privilegiar a educação inclusiva no ambiente hospitalar; engajamento da equipe multidisciplinar em prol do atendimento integral dos pacientes hospitalizados, inclusive no tocante aos contextos educacionais/escolar.

E, por fim, como perspectiva futura, essa pesquisa sugere que se realizem estudos analíticos sobre o retorno à escola regular, após as internações, dos pacientes hospitalizados que foram contemplados com as práticas pedagógicas hospitalares, objetivando avaliar quais as dificuldades e facilidades os mesmos vivenciaram no processo de ensino-aprendizagem no convívio escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.** Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em 2 de mai 2017.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Brasília, DF, 1996.

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). **Lei Federal 8069 de 13/07/90.** Brasília: Ministério da Ação Social/ Centro Brasileiro para Infância e Adolescência, 1990.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial.** Brasília: MEC/SEESP, 2002.

_____. **Decreto Lei nº. 1.044, de 21 de outubro de 1969.** Brasília, 1969. Dispõe sobre tratamento excepcional para os alunos portadores de afecções que indica. Presidência da República Casa Civil. Acesso em: 28 fev.2017.

_____. Conselho Nacional da Educação. **Resolução Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente n. 41/1995. Direitos da criança e do adolescente hospitalizados.** Diário Oficial da União, seção I, p.163/9-16320, Brasília, 17 out. 1995. Acesso em: 28 fev.2017.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei n 8.069/1990. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. CONANDA. Ministério da Justiça/Secretaria de Estado de Direitos Humanos/Departamento da Criança e do Adolescente, 2002.

ESTEVES, Cláudia Regina. **Pedagogia Hospitalar: um breve histórico.** [s.l, s/d] Disponível em: www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espacovirtual/espaco-educacao-saude/classeshospitalares/webartigos/pedagogia%20hospitalar....pdf. Acesso em: 11 fev .2017.

FONSECA, Eneida Simões. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar.** 2. ed. São Paulo: Memnon, 2008.

_____. **Classe Hospitalar:** ação sistemática na atenção as necessidades pedagógico - educacionais de crianças. Artigo. Temas sobre Desenvolvimento, v.8, n.44, p.32-37, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GONZÁLES, Eugenio. **Necessidades educacionais específicas.** Porto Alegre, Artmed, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos para Quê?** 4ª edição. São Paulo, Cortez, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Pedagogia Escolar e os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados**. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/pedagogia-escolar-e-os-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-hospitalizados/36650>>. Acesso em 10 mai 2017.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar**: A humanização integrando educação e saúde. 6 ed . Petrópolis: Vozes, 2012.

MOTA, C. H. Princípio 7. In: SANTOS, L; JORGE, A; ANTUNES, I. **Carta da Criança Hospitalizada**: Comentários. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, Caderno 1, Novembro, 2000, p. 59-60.

OLIVEIRA, Jaqueline Reiter et al. Violência sexual e (co)ocorrências em crianças e adolescentes: estudo das incidências ao longo de uma década. **Ciência e Saúde coletiva**. n. 19, vol 3, pp. [759/771], 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014193.18332013>>, acessado em 05 abr 2017.

ORTIZ, Leodi Conceição e FREITAS, Soraia Napoleão. **Classe Hospitalar** – caminhos pedagógicos entre saúde e educação. 1ª Edição. Santa Maria. Ed. UFSM. 2005.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. A universidade e a experiência em educação no contexto hospitalar: formação profissional e humana. In: MATOS, Elizete Lucia Moreira, TORRES, Patricia Lupion. **Teoria e Prática na Pedagogia Hospitalar**: novos cenários, novos desafios. Curitiba: Editora Champagnat, 2010, p. 71 a 80

_____. **Pedagogia Hospitalar na Pedagogia Social**: reflexões teóricas. Anais do Congresso Internacional de Pedagogia Social, Março de 2010, p. 1-16. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092010000100008&script=sci_arttext>. Acesso em 14 mar 2017

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia Hospitalar**: intermediando a humanização na saúde. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

RODRIGUES JANINE. **Classes Hospitalares**: espaço pedagógico nas unidades de saúde. RJ.WAK Ed. 2012.

_____. Trabalho alternativo para o pedagogo: A criança hospitalizada. **Projeto de Extensão**: UFPB, 2011.

SANTOS, Cláudia Bueno dos; SOUZA, Márcia Raquel de. Ambiente hospitalar e o escolar. In: Elizete Lúcia Moreira Matos(org.). **Escolarização Hospitalar**: Educação e saúde de mãos dadas para humanizar. Petrópolis: Vozes, 2009.

SAVIANI, Demerval Saviani. **Pedagogia**: O espaço da educação na universidade. Disponível em: Acesso em 27 mar 2017

TEIXEIRA, Anísio. **Educação progressiva**: uma introdução à filosofia da educação. 2ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934.

APÊNDICE A – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS**QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA COM O PROFISSIONAL DA EQUIPE MÈDICA DO HOSPITAL****UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Orientadora: Profa. Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues

Pesquisadora: Ana Cristina Soares de Souza

Pesquisa: **A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO AMBIENTE HOSPITALAR:
um estudo de caso no HULW****IDENTIFICAÇÃO:**

Nome: _____

Sexo: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Especialização: _____

Tempo de atuação na área: _____

1. Qual a sua visão em relação a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar?

2. Você considera importante na atualidade o atendimento educacional às crianças hospitalizadas?

3. Do ponto de vista clínico como você observa a interferência pedagógica no tratamento e recuperação da criança hospitalizada?

4. Existe de alguma forma a participação do profissional médico no que se refere ao atendimento pedagógico?

5. Qual a sua avaliação quanto à necessidade do atendimento pedagógico dentro do ambiente hospitalar?

6. Quais sugestões você daria para melhorar a relação entre a equipe médica e a equipe pedagógica?

ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM A DOCENTE DA CLASSE HOSPITALAR



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE PEDAGOGIA

Orientadora: Profa. Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues
Pesquisadora: Ana Cristina Soares de Souza
Pesquisa: **A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO AMBIENTE HOSPITALAR:
um estudo de caso no HULW**

IDENTIFICAÇÃO:

Nome: _____
Sexo: _____ Idade: _____ Profissão: _____
Especialização: _____ Tempo de atuação na área: _____

1. Como você conheceu a Pedagogia Hospitalar? Justifique.

- ☐ Durante a graduação
- ☐ Através de Pessoas que atuam na área
- ☐ A partir de Leituras e estudos do relacionados ao tema
- ☐ A través de especialização ou formação continuada

2. Como é para você trabalhar com crianças hospitalizadas? Justifique.

- ☐ Extremamente gratificante ☐ maravilhoso ☐ complicado

3. Qual é a maior dificuldade encontrada? Justifique.

- ☐ A ausência de matérias ☐ Salário insuficiente
- ☐ lado emocional de ter que lidar com a piora da enfermidade e até o óbito do aluno.

4. Quais são os critérios utilizados para o seu planejamento das atividades ? Justifique.

- ☐ O planejamento é utilizado mediante a necessidade do aluno.
- ☐ O planejamento realizado a partir do período e o andamento escolar do aluno.
- ☐ As aulas são planejadas com a equipe que atua no trabalho pedagógico hospitalar.
- ☐ O planejamento é realizado individualmente a partir das observações e a da evolução dos alunos mediante as atividades elaboradas.

5. Em que espaço do hospital esse trabalho e atendimento pedagógico é realizado?

- ☐ Em uma sala específica para atividades pedagógicas ?
- ☐ Na brinquedoteca?
- ☐ Especificamente nos leitos ?
- ☐ Outros? _____

Comentários:

6. Como é o seu relacionamento com a família do aluno Hospitalizado?

- ☐ Sempre harmoniosa ☐ Normalmente não converso
- ☐ Difícil por eles não aceitarem e nem entender o trabalho que está sendo realizado.

7. Como é sua relação com a equipe medica do hospital ?

- ☐ Tranquila e saudável ☐ Nos relacionamos pouco
☐ Difícil por que muitas vezes eles nos ver como intrusos no ambiente hospitalar.

Comentários:

8. você sempre se informa da patologia do seus alunos? Justifique.

- ☐ Sim, é extremamente necessário ☐ não vejo necessidade ☐ As vezes

Comentários:

9. Quanto tempo dura as aulas e em que turno elas acontecem?

- ☐ Durante o período da manhã das 07:00 as 11:00
☐ Durante o período da manhã de 2 á 3 horas
☐ Durante o período da tarde das 13:00 as 17:00
☐ Durante o período da tarde de 2 á 3 horas de aula
☐ Depende da necessidade do aluno

Comentários:

10. Você estabelece alguma comunicação com escola do aluno?

- ☐ Sim, é extremamente importante ☐ Não , não vejo necessidade ☐ as vezes

Obs; _____

ENTREVISTA COM FAMILIARES E ACOMPANHANTES DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES HOSPITALIZADOS (AS)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Orientadora: Profa. Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues /

Pesquisadora: Ana Cristina Soares de Souza

Pesquisa: **A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO AMBIENTE HOSPITALAR:**
um estudo de caso no HULW.

1. Nome: _____

2. Idade: _____ **3. Sexo:** a. masculino () b. feminino ()

4. Estado Civil: a. Solteiro/a () b. Casado/a () c. Separado/a () d. Outros

5. Nível de escolaridade do familiar:

a. () Ensino Fundamental Incompleto.

b. () Ensino Fundamental Completo.

c. () Ensino Médio Incompleto.

d. () Ensino Médio Completo.

e. () Ensino Superior Incompleto.

f. () Ensino Superior Completo.

g. Outro. _____

6. Tem filhos? a. sim () b. não ()

7. Quantos filhos têm?

a. () 1 b. () 2 c. () 3 d. () 4 e. () 5 f. () 6 ou mais.

8. Todos o(s) seu(s) filho(s) frequenta(m) a escola regularmente?

a. () sim. b. () não.

9. Se não, quanto(s) frequenta(m) a escola regularmente? _____

10. Qual etapa de escolarização seu(s) filho(a) frequenta?

11. Essa é a primeira hospitalização do seu filho?

a. () sim.

b. () não.

12. Se não, quantas vezes seu filho já foi hospitalizado? _____

13. Antes da hospitalização do seu filho, você sabia da existência de atendimento pedagógico no hospital?

a. () sim. b. () não.

14. Ao chegar ao hospital, como ficou sabendo da classe hospitalar?

15. Quais suas preocupações em relação a educação de seu filho (a), tendo em vista o processo de hospitalização?

16 - Para você, qual a importância de o hospital oferecer apoio educacional para as crianças e jovens?

17 - Você tinha conhecimento da oferta do acompanhamento pedagógico no hospital antes da internação do seu filho?

18 - Como você ficou sabendo da existência do Atendimento Pedagógico no HU?

19 - Você percebeu alguma mudança no comportamento do seu filho depois que ele passou a frequentar a classe hospitalar?

20 – Você gosta participar das atividades com seu filho? Se não o que você costuma fazer quando está recebendo atendimento pedagógico?

21 - Você acredita que esse trabalho dentro do hospital é importante?

22 - Não tenho mais perguntas relativas à pesquisa. Você gostaria de destacar algum aspecto que não foi tratado?

ROTEIRO DE ENTREVISTA REALZADA COM A ALUNA / PACIENTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Orientadora: Profa. Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues

Pesquisadora: Ana Cristina Soares de Souza

Pesquisa: **A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO AMBIENTE HOSPITALAR:
um estudo de caso no HULW**

1. Você sabe porque está aqui no Hospital?
2. O que você acha desse momento de aulas ?
3. Como você se sente quando está aqui ?
4. Qual a coisa que mais você sente falta depois que está aqui no hospital?
5. Você acha que está aprendendo aqui?
6. O que mais você gosta desse momento da aula ?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Orientadora: Profa. Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues

Pesquisadora: Ana Cristina Soares de Souza

Pesquisa: **PRÁTICA PEDAGÓGICA NO AMBIENTE HOSPITALAR:
um estudo de caso no HULW**

Esta pesquisa intitula-se, **PRÁTICA PEDAGÓGICA NO AMBIENTE HOSPITALAR: um estudo de caso no HULW**, e esta sendo desenvolvida por : Ana Cristina Soares de Souza da Universidade Federal da Paraíba. Os objetivos da pesquisa são: Compreender que vantagens e benefícios a prática pedagógica pode trazer para as crianças e adolescentes hospitalizados; Conhecer a história da pedagogia hospitalar; Descrever a importância do pedagogo no contexto hospitalar; Identificar as habilidades e competências necessárias para atuação do pedagogo hospitalar; Identificar os desafios enfrentados pelo pedagogo hospitalar.

A sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador (a). Caso decida não participar da pesquisa, ou resolver a qualquer momento desistir de participar, não sofrerá nenhum dano, prejuízo, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (quando for o caso).

Para o desenvolvimento desta pesquisa serão executados os seguintes procedimentos:

- Aplicação de um questionário;
- Preenchimento de formulário na análise de fontes documentais

Não é previsto que você tenha nenhuma despesa na participação nesta pesquisa ou em virtude da mesma, todavia, caso você venha a ter qualquer despesa em decorrência de sua contribuição neste estudo, será plenamente ressarcido. Ressaltamos ainda que, no caso de eventuais danos acarretados pela sua participação no presente estudo, você será plenamente indenizado, conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS/MS).

Solicito sua permissão, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos e publicar em revista científica. Será garantida a privacidade dos dados e informações fornecidas, que se manterão em caráter confidencial. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em completo sigilo, nem serão utilizadas quaisquer imagens ou informações que permitam a sua identificação (caso a pesquisa for usar imagem, deve deixar claro no Termo, bem como a autorização para esta utilização).

O pesquisador (a) responsável estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento. Fica registrado, também, que tenho conhecimento de que essas informações, dados e/ou material serão usadas pelo (a) responsável pela pesquisa com propósitos científicos.

João Pessoa - PB, _____ de _____ de _____

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Assinatura do (a) Pesquisador (a) Responsável